

O Fantasma de Canterville

Logo que o diplomata americano Hiram B. Otis comprou o Castelo de Canterville, toda a gente lhe garantiu que cometia uma grande asneira, pois não havia dúvida que se tratava de uma casa assombrada. O próprio lorde Canterville, pessoa extremamente escrupulosa, sentira no dever de prevenir o comprador na ocasião em que fechara o negócio.

— Nós próprios decidimos não morar no castelo — explicara lorde Canterville — desde que a minha tia-avó, a duquesa de Bolton, apanhou o susto de que nunca mais se conseguiu esquecer: estava a vestir-se para o jantar quando foi agarrada, nos ombros, por duas mãos espectrais... Devo confessar-lhe, senhor Otis, que vários membros da família viram o fantasma várias vezes, e o mesmo aconteceu ao padre da freguesia, o reverendo Augustus Dampier, que é diplomado em Cambridge. Depois do triste incidente ocorrido com a duquesa, nenhuma criada aceitou ficar

connosco. Lady Canterville começou a dormir muito pouco, e durante a noite, vindos do corredor e da biblioteca ouviam-se sons misteriosos e aterradores...

— Meu caro senhor — retorquiu o americano — compro o castelo com todo o seu recheio, incluindo o fantasma. Venho de um país onde se adquire tudo com dinheiro. Os meus compatriotas, activos e diligentes como são, têm levado para a nossa terra tudo o que há no Velho Mundo, a começar pelas melhores e mais célebres actrizes; se, realmente houvesse fantasmas na Europa, eles não deixariam de os adquirir para os nossos museus.

— Mas eles existem, senhor Otis! — respondeu o lorde Canterville, sorrindo —, embora tenham resistido às propostas tentadoras dos empresários americanos. E o nosso é bastante conhecido já há três séculos, desde mil quinhentos e oitenta e quatro: nunca deixa de aparecer, prenunciando a morte de qualquer pessoa da família.

— Uma espécie de médico de família... Eu, no entanto, não acredito; as leis da natureza não foram alteradas por causa da aristocracia britânica...

— Na América tudo é natural — sublinhou lorde de Canterville, que parecia não ter percebido a insinuação do diplomata. — Enfim, se a si não tem importância ter uma alma penada na sua residência, eu por mim não acrescento mais nada. Lembre-se, no entanto, de que o avisei.

Semanas depois desta conversa o contrato foi assinado e, no fim do Verão, o americano e a família partiram para o Castelo de Canterville. A senhora Otis — que, sob o nome de Lucretia R. Tappan, da Rua 53, do Bairro Ocidental, fora celebrada como uma das belezas de Nova Iorque — era agora uma bonita senhora de meia-idade, com lindos olhos e magnífico perfil. Muitas damas do Novo Mundo, ao deixarem o seu país natal, adoptaram certo ar de amadurecimento, pensando que isso constitui requinte para os Europeus; a senhora Otis, porém, não seguia esse hábito. Possuía admirável constituição física e espírito extremamente sadio. De certo modo, parecia uma inglesa, e aí estava excelente argumento para se dizer que hoje temos tudo de comum com a América, excepto, como é obvio, a língua. O filho mais velho (a quem os pais, num excesso de patriotismo, haviam dado o nome de Washington, coisa que o rapaz não cessava de protestar) era um rapaz com excelente aspecto, de cabelo loiro; bom dançarino, estava naturalmente indicado para a carreira diplomática. Os seus únicos fracos eram as flores na lapela e a preocupação da aristocracia. Além do mais, tinha fama de pessoa sensata.

Miss Virgínia E. Otis tinha quinze anos, grandes olhos azuis cheios de candura, e agilidade física que a fazia parecer-se com uma corça. Montava muito bem a cavalo; uma vez, no seu poldro, vencera o velho lorde

Bilton por uma polegada e meia, ao correrem ambos no parque — e tamanho êxito entusiasmara o moço duque de Cheshire, a ponto de este se lhe propor imediatamente como marido, facto que determinara nos seus tutores a resolução de o recambiarem logo para Eton. Depois de Virgínia, havia os gémeos, rapazes simpaticíssimos, os únicos (à excepção do senhor Otis) verdadeiros republicanos naquela família.

Como o Castelo de Canterville fica a sete milhas de Ascot (que é a estação mais próxima), o senhor Otis telegrafou a pedir que mandassem uma carruagem buscá-los. A partida para a nova residência iniciou-se sob os melhores auspícios: era uma tarde de Julho deliciosa e o ar rescendia o aroma subtil dos pinheiros. De vez em quando ouviam o canto de algum pássaro ou viam cintilar entre as ramadas a plumagem imponente de um faisão. Os esquilos espreitavam entre os ramos das árvores e os coelhos fugiam apressados através do matagal, com a cauda branca em riste. Ao entrarem, porém, na alameda que dá acesso ao castelo, já o céu se cobria de nuvens; a atmosfera parecia mergulhada num silêncio estranho, só interrompido pelo voo largo das gralhas que passavam sobre o carro. Antes que tivessem alcançado a casa, grossas gotas de chuva caíram rapidamente.

Nos degraus da escadaria, à espera dos novos donos, estava uma criada velha, rigorosamente vestida de preto, de touca branca e avental. Era a senhora

Umney, que a esposa do diplomata, a pedido de lady Canterville, consentira em manter ao seu serviço. Fez ela a todos uma profunda cortesia e desejou-lhes as boas-vindas à maneira antiga, um tanto pitoresca. Os americanos seguiram-na e, atravessando o vestibulo de estilo *Tudor*, entraram na biblioteca — sala baixa e comprida, com lambris de carvalho escuro, no fim da qual se abria uma janela de vitrais. Aí encontraram a mesa posta para o chá; libertando-se dos abafos, os novos residentes sentaram-se, admirando o aposento, enquanto a senhora Umney aguardava quaisquer ordens.

De súbito, a americana reparou numa nódoa vermelha que havia no chão, mesmo ao lado da lareira, e, sem pensar no que se tratava, disse:

— Parece que entornaram ali qualquer coisa.

— Minha senhora — respondeu a criada baixando a voz —, é uma mancha de sangue.

— Que horror! — exclamou a senhora Otis.

— Não quero ver tal coisa na sala. É preciso limpá-la imediatamente.

A velha sorriu e respondeu no mesmo tom velado e ambíguo:

— É sangue de lady Eleanore de Canterville, que foi, neste mesmo lugar, assassinada por seu marido Sir Simon de Canterville, em 1575. Sir Simon sobreviveu-lhe nove anos e desapareceu depois, de repente, em circunstâncias muito estranhas. Nunca se lhe encon-

trou cadáver, mas o espírito dele vagueia por aqui. Esta nódoa de sangue, que os turistas apreciam, é impossível de extinguir.

— Tudo isso são fantasias — acudiu Washington Otis —, o *Sabão Sem Rival Pinkerton* dará cabo dela enquanto o diabo esfrega um olho. — E, antes que a velha, aterrorizada, pudesse evitá-lo, o rapaz pôs-se de joelhos e começou a esfregar o soalho com uma coisa que parecia cosmético preto. Daí a poucos momentos já tinha desaparecido vestígios da mancha.

— O *Sabão Pinkerton* nunca falha — declarou ele com ar triunfante, olhando em redor da família boquiaberta; mal, porém, dissera tais palavras, um relâmpago intenso cortou a obscuridade da sala, seguindo-se um trovão medonho, e a senhora Umney desmaiou.

— Que tempo horrível! — exclamou, muito calmo, o americano, acendendo um charuto.

— O Velho Mundo tem tal excesso de população que não há forma de se conseguir clima decente para todos. Sempre fui de parecer que só a emigração poderá salvar a Inglaterra.

— Hiram — atalhou a senhora Otis —, o que é que se costuma fazer a uma mulher desmaiada?

— Dá-lhe duas bofetadas.

A senhora Umney recuperou, por fim, os sentidos, mas estava deveras transtornada, e tornou a prevenir o senhor Otis que se acautelasse contra possíveis aborrecimentos.

— Tenho visto coisas extraordinárias — acres-

centou ela —, mesmo de pôr os cabelos em pé. Há noites em que não prego olho só por causa dos horrores que se passam nesta casa.

O diplomata e a esposa garantiram-lhe que não tinham medo de almas do outro mundo. A criada, depois de lhes desejar todas as bençãos do Céu, preparando-os assim para uma solicitação de aumento de salário, despediu-se dos patrões e foi para o seu quarto.

II

Durante toda aquela noite rugiu a tempestade, mas nada ocorreu de particular que seja de assinalar. No dia seguinte, quando desceram para o almoço, os novos proprietários do castelo observaram outra vez a nódoa no soalho.

— Não me parece — disse Washington — que a culpa seja do *Sabão Sem Rival*. Tenho-o experimentado em tudo e sempre com bom resultado. Isto aqui anda trabalho do fantasma.

Tornou a esfregar o chão e a mancha desapareceu novamente; mas, no outro dia, lá estava ela outra vez. Na terceira manhã repetiu-se a cena, embora a biblioteca ficasse fechada à chave e esta fosse levada para o quarto pelo próprio Otis. A família andava bastante interessada com o caso, e o diplomata

começou a desconfiar que se mostrara dogmático em excesso na sua negação quanto à existência de almas do outro mundo. A senhora Otis manifestou desejo de se inscrever na Sociedade Espírita, e Washington redigiu uma extensa carta aos senhores Myers & Podmore a respeito da pouca eficácia dos seus sabões no desaparecimento de nódoas relacionadas com assassinios. Nessa noite foram arredadas, de uma vez para sempre, todas as objecções quanto à realidade dos fantasmas.

O dia estivera quente, cheio de sol; quando, ao entardecer, refrescou um pouco, eles saíram a passeio, de carruagem. Só voltaram a casa às nove horas, e comeram então uma ceia frugal. Pelo caminho não foram abordados assuntos sobrenaturais: não houvera, pois, essas condições preliminares que antecedem, em geral, a apresentação dos fenómenos psíquicos. Os temas afluídos foram muito diferentes: como os americanos cultos, pertencentes à mais alta esfera da sociedade, discutiram a supremacia de miss Fanny Davenport sobre a actriz Sarah Bernhardt, e a dificuldade de obter certas farinhas com que fazer bolos, mesmo nas melhores casas inglesas, e a importância de Boston no desenvolvimento do espírito social, e as vantagens do sistema dos talões de bagagem nos caminhos-de-ferro, e a doçura da pronúncia de Nova Iorque comparada com a inflexão londrina. Enfim, nenhuma referência a coisas de espiritismo, nem a mais simples alusão a Sir Simon de Canterville.

Às onze horas todos recolheram aos seus aposentos respectivos e daí a meia hora as luzes estavam apagadas por completo. Pouco tempo depois o senhor Otis foi acordado por um ruído bizarro no corredor; dir-se-ia o barulho de objectos metálicos que se aproximava cada vez mais. Ergueu-se lesto, riscou um fósforo e viu as horas. Era uma hora da madrugada. Otis sentia-se absolutamente tranquilo: tomou o pulso e verificou que não tinha febre. No entanto, o tal ruído esquisito continuava, ao mesmo tempo ouviam-se passos. O americano calçou as chinelas, tirou de um estojo um frasco de forma oblonga e abriu a porta. Em frente dele, na claridade difusa do luar, estava um velho de aspecto horrendo; os olhos do desconhecido ardiam como carvões, e cabelo comprido e branco caíam-lhe nos ombros, o fato, no estilo de outros tempos, mostrava-se sujo e dilacerado; dos punhos aos tornozelos suspendiam-se pesadas grilhetas e correntes.

— Meu caro senhor — começou o diplomata —, permita-me aconselhá-lo a pôr um pouco de óleo nessas correntes; para esse fim aqui tem uma garrafinha do célebre *Lubrificador Sol*. É considerado muito eficaz, como poderá ler nas indicações do rótulo. Deixo-lhe em cima desta mesa; se precisar mais é só pedir.

Dizendo estas palavras o cortês americano pousou o frasco no mármore da mesa e, fechando a porta do quarto, dirigiu-se de novo para a cama.

Durante alguns momentos, o fantasma de Canterville ficou tão indignado que não se movimentou. Depois, atirou a garrafa ao chão encerado, deslizou pelo corredor além, emitindo clarões verdes e soltando gemidos cavos. Justamente na ocasião em que alcançava o cimo da grande escadaria de carvalho, abriu-se de súbito uma porta, e surgiram duas figurinhas de camisas brancas. Ao mesmo tempo, era arremessada à cabeça do fantasma uma almofada de largas dimensões. Convinha fugir quanto antes! Assim, adoptando as facilidades da quarta dimensão, o veraneante nocturno escapuliu-se através de um tabique e tudo recaiu em calma e silêncio.

Pouco depois, a alma penada chegava a um quartinho secreto do castelo, situado na ala esquerda. Sentou-se, a fim de tomar fôlego, e ficou a meditar na sua situação actual. Jamais, na sua carreira de três séculos ininterruptos, fora tão abusivamente ofendido! Lembrou-se então da duquesa viúva, a quem Sir Simon pregara um grande susto quando ela se vestia em frente do espelho; recordou-se das quatro criadas, a quem ele fazia negaças e que todas acabaram com ataques de histeria; e do prior da freguesia, ao qual o fantasma apagara a vela que ele trazia na mão, numa noite ao regressar da biblioteca e que ficara sofrendo, para toda a vida, de perturbação mental; e da velha madame de Tremouillac, pobre senhora que, ao despertar, vira um esqueleto sentado numa poltrona a

ler o seu próprio diário íntimo! Essa nunca mais se levantou com febre cerebral, chegando a reconciliar-se com a Igreja e a cortar relações com Voltaire, esse céptico! Sir Simon recordou-se ainda daquela noite terrível em que o perverso lorde Canterville foi encontrado no seu quarto sufocado com o valete de ouros atravessado na garganta; aí, antes de morrer, o homem confessou haver defraudado Charles James Fox em cinquenta mil libras, à custa daquela carta e que o fantasma o tinha obrigado a engolir. Mas o seu mais belo triunfo consistia no facto de o mordomo da casa se ter suicidado quando vira a mão verde do espectro batendo na vidraça do aposento da formosa lady Stutfield, que, depois disso, fora obrigada a usar uma fita de veludo em torno do pescoço a fim de esconder a marca que os cinco dedos tinham deixado. Essa infeliz senhora afogara-se, por último, na lagoa que fica no extremo da Alameda Real. Com o entusiasmo egoísta de um verdadeiro cultor da arte, Sir Simon continuou passando em revista as suas partidas mais notáveis e sorriu com amargura ao recordar-se da sua recente aparição com vestuário de Diabo e a sua estreia no *Judeu Errante*, e ainda o êxito que obtivera quando, numa tarde quente de Julho, decidira jogar ao chinquillo, na relva, com os próprios ossos! E, no fim de tudo isto, vinham uns americanos, sem categoria, oferecer-lhe o *Lubrificador Sol* e lançar-lhe almofadas à cara! Na verdade, nunca um fantasma fora tratado com

tanta falta de respeito. Era urgente uma vingança! Pensando nela, Sir Simon ficou sentado até manhã, em atitude de meditação.

III

No dia seguinte quando a família Otis se encontrou ao almoço, o assunto fantasma foi amplamente abordado. O diplomata mostrava-se um tanto ressentido pelo facto de a sua oferta de lubrificador não ter sido aceite.

— Não pretendo — afirmou ele — ofender essa alma penada, e sempre lhes digo que, atendendo ao tempo que ela reside neste castelo, me parece pouco delicado atirarem-lhe travesseiros à cabeça, observação que fez os gémeos soltarem gargalhadas estridentes. Por outro lado — continuou o americano —, se o fidalgo insistir em não empregar o óleo, não há remédio senão tirar-lhe as correntes. Porque dormir com esse ruído é que não é possível.

Durante o resto da semana, não houve nada a assinalar a não ser a insistência da nódoa de sangue no soalho da biblioteca. O caso era, na verdade, estranho dado que a porta ficara fechada à chave de noite e as janelas tinham grades de ferro. A própria mancha oferecia, por si mesma, justos motivos de reflexão, pois mudava sempre de cor. Às vezes era um vermelho

escuro, outras mais claro, outras em tons de púrpura; e em certa ocasião, quando os Otis voltaram de rezar em família, segundo os ritos da Igreja Reformista Americana Independente, encontraram a nódoa verde, verde-esmeralda! Aquelas alterações camaleónicas deram bastante que falar e chegaram-se a fazer apostas sobre a cor do sangue do dia seguinte. A única pessoa que não colaborava neste divertimento era Virgínia, a quem, por qualquer razão desconhecida, a mancha do chão atormentava bastante; no dia em que esta se tornava verde-esmeralda a rapariga esteve quase a chorar.

A segunda aparição do fantasma foi numa noite de domingo. Pouco depois de terem ido todos para as respectivas camas, foram de súbito alarmados por um estrondo enorme no vestíbulo. Desceram precipitadamente e viram que a antiga armadura, que existia à entrada, tinha caído; sentado numa cadeira alta de espaldar estava o fantasma de Canterville esfregando os joelhos com ar de quem se havia magoado seriamente. Os gémeos, que traziam consigo as físgas, principiaram a alvejá-lo com a melhor das pontarias, e o diplomata, apontando-lhe um revólver, ordenou-lhe «mãos ao ar», conforme era hábito na Califórnia. O fantasma pôs-se logo de pé, furiosíssimo, e esgueirou-se entre eles como uma espécie de nevoeiro, ao mesmo tempo que apagava a vela da palmatória de Washington Otis. Deixou-os às escuras. Sir Simon,

entretanto, atingira o topo da escadaria e, uma vez aí, recuperou o sangue frio e resolveu soltar uma das suas célebres gargalhadas diabólicas, coisa que, em mais de uma ocasião, surtia grande efeito. Dizia-se até que, com ela, conseguia embranquecer, num instante, a cabeleira postiça de lord Raker e que, por igual processo, obrigara três criadas de lady Canterville a despedir-se antes do fim do mês.

Começou, pois, por dar uma horrível gargalhada, esperando que a abóbada reproduzisse o mais pavoroso dos ecos, mas sem êxito, nesse mesmo instante abriu-se uma porta e a senhora Otis surgiu, vestida de roupão azul.

— Desconfio que não está bem de saúde — frisou ela —, de maneira que lhe trago este remédio infalível do doutor Dobell; se é mal de estômago, não deixe de o tomar.

Ao ouvir semelhante conselho, o fantasma olhou estupefacto para a dona da casa e tratou de se preparar para se transformar em canzarrão preto, transformação em que costumava ser perito e à qual o médico dos Canterville atribuíra a idiotia crónica de que sofrera o notabilíssimo Thomas Horton, tio do último castelão. No entanto o som de passos que se avizinhavam fê-lo hesitar, de maneira que se contentou em tornar-se fosforescente, desvanecendo-se de todos (com um gemido surdo) à chegada intempestiva dos dois gémeos.



Ao entrar no seu quarto, o fantasma sentiu-se completamente desanimado. A vulgaridade dos dois garotos e o irritante materialismo da senhora Otis eram coisas deveras irritantes; mas o que o deprimia mais era não poder aguentar a armadura. Depusera tanta esperança no seu plano de estarrecer os americanos com a aparição do Espectro Cavaleiro! Tanto mais, a armadura era dele próprio e usara-a com grande êxito em alguns torneios, entre aplausos das pessoas reais que haviam assistido. Mas, agora, ao meter-se dentro dela, não pudera suportar o peso e caíra redondamente no chão, magoando seriamente os joelhos e magoando os dedos da mão direita.

Andou adoentado durante uns dias, mal saiu do quarto, excepto de madrugada, quando ia reavivar a nódoa de sangue da biblioteca. Todavia, com o recato que se impôs, conseguiu melhorar e resolveu tentar de novo ataque de terror contra o diplomata e sua família. Escolheu para isso uma sexta-feira, 17 de Agosto, e gastou um dia inteiro a seleccionar o traje; decidiu-se, afinal, por um amplo lençol franzido no pescoço e nos punhos, chapéu desabado com pluma vermelha, e espadalhão, por sinal ferrugento. Ao cair da noite desabou violento temporal; a chuva e o vento eram tão fortes que as janelas e portas estremeciam. Era precisamente o género de tempo que lhe dava jeito. O projecto era o seguinte: iria muito sossegado até ao quarto de Washington Otis; ali puxaria os pés do rapaz



a seguir, correndo para a cabeceira da cama, espetaria três vezes a espada na sua própria garganta, ao som de uma música especial. Considerava Washington bastante antipático, pois tinha conhecimento ser ele quem esfregava o soalho da biblioteca, do sítio na nódoa, com o famoso *Sabão Sem Rival Pinkerton*. Uma vez neutralizado, por meio dessa exibição aterradora, o primogénito dos irmãos Otis, o espectro correria até aos aposentos do diplomata e de sua esposa e ali colocaria, na testa da referida senhora, uma das mãos geladas e viscosas, ao mesmo tempo que gritaria aos ouvidos do marido. Quanto a Virgínia, o fantasma não tinha ainda planeado. A rapariga nunca o havia magoado, e além disso era bonita e bondosa. Dois ou três lamentos murmurados dentro do guarda-vestidos bastariam, se ela não acordasse, então apalpá-la-ia através da colcha. Quanto aos gémeos, Sir Simon pretendia dar-lhes uma verdadeira lição. Em primeiro lugar, sentar-se-ia no peito deles, de maneira a provocar-lhes a sensação de pesadelo. A seguir, como as camas estavam juntas, deitar-se-ia no meio para que ao acordarem, vissem um cadáver verde e rígido e ficassem paralisados de medo. Por fim, despindo o lençol, dançaria em volta, fazendo tilintar os ossos e revirando os olhos no estilo da *Dança Macabra*, fantasia com que já tinha tirado excelentes resultados.

Às dez e meia percebeu que a família se recolhia para dormir. Durante algum tempo ouviu grandes

gargalhadas dos gémeos que brincavam, o que era próprio da idade. Cerca das onze menos um quarto tudo sossegou; à meia-noite, o fantasma entrou em acção. Nesse exacto momento, um mocho foi de encontro à vidraça, um corvo crocitou empoleirado numa árvore e o vento principiou a rondar em volta da casa, como uma alma do outro mundo. Os Otis dormiam como justos, e, apesar da chuva que caía em grandes bâtegas, sobressaía o ressonar do diplomata. Sir Simon atravessou um tambique e colocou um sorriso cruel; quando passou em frente da janela, em cujo vitral estavam gravadas as suas armas e as da esposa assassinada, a Lua ocultou-se como uma nuvem, e o fantasma, beneficiou da escuridão para avançar. A certa altura pareceu-lhe ouvir uma voz e parou; mas era apenas um cão que uivava ao longe e o fantasma continuou o seu caminho, brandindo no ar a espada ferrugenta. E chegou finalmente à esquina do corredor que dava para o quarto do pobre Washington. Parou ali uns instantes, enquanto o vento lhe desalinava os cabelos brancos e fazia ondular o lençol. O relógio bateu o quarto de hora: era a ocasião propícia. Sir Simon riu-se entre dentes e avançou. Mas logo que deu uns passos, o terror apoderou-se dele, obrigando-o a recuar e a esconder a caveira nas mãos esqueléticas. Ali em frente estava um fantasma medonho, estático, aterrador! Tinha a cabeça calva e luzidia, cara redonda e branca, e as feições dir-se-iam

fixadas num semblante de pavor. Dos olhos saltavam lempejos vermelhos, a boca abria-se como um poço de labaredas: um lençol pendia-lhe dos ombros tal como o fantasma de Canterville. Sobre o peito exhibia-se um cartaz com caracteres góticos inscritos, e na mão direita empunhava uma cimitarra de aço brilhante.

Nunca tendo visto, na sua vida, um espectro, o fantasma ficou amedrontado e correu para o seu esconderijo, depois de haver lançado, mais uma vez, um relance de olhos à terrível aparição. Pelo corredor quase tropeçava no lençol, que era bastante longo; quanto à espada não lhe foi possível conservá-la, deixando-a cair junto das botas do diplomata, à porta do quarto, onde no dia seguinte o mordomo a descobriu. Uma vez escondido no seu aposento secreto, Sir Simon atirou-se para cima da cama e escondeu o rosto debaixo da roupa. Pouco depois, o heróico e velho fantasma de Canterville decidiu ir falar com o outro espectro — mas só quando despertasse o dia. Assim, ao romper da manhã, voltou ao lugar onde havia encontrado o seu colega fantasma, concluindo que dois fantasmas valiam mais que um só e que, com a ajuda do novo aliado, poderia vingar-se mais rapidamente dos gémeos. Aguardava-o no entanto um espectáculo muito estranho. Algo acontecera ao tal espírito, pois a luz dos olhos e da boca havia-se apagado, a espada caíra-lhe da mão e todo ele estava debruçado contra a parede, numa posição nada

cómoda. Sir Simon aproximou-se, tocou-lhe, e a cabeça do outro caiu, rolando no chão; o corpo deslizou também, o lençol caiu para o lado, ficando à vista o interior, que era formado por uma vassoura e outros utensílios de uso doméstico. Incapaz de compreender tão insólita transformação, Sir Simon levantou o cartaz, com mão trémula, ainda lusco-fusco conseguiu ler estas palavras:

FANTASMA DE OTIS
O ÚNICO E GENUÍNO
CUIDADO COM AS IMITAÇÕES
MARCA REGISTRADA

Então fez-se claro na sua mente. Fora troçado, escarnecido e humilhado! O velho Canterville apertou as gengivas desdentadas, ergueu os ossos dos braços e jurou, segundo os costumes do seu tempo, que haveriam de correr rios de sangue quando o galo cantasse pela segunda vez.

Logo que acabou de dizer isto, ouviu ao longe, o cantar do rei da capoeira. Sir Simon riu-se — riso amargo e prolongado — e aguardou confiante. Esperou mais de uma hora, mas nenhum galo voltou a cantar. Por volta das sete horas e meia, começaram a aparecer as criadas, e o fantasma teve de desistir da sua vigília, correndo apressado para o seu esconderijo. Estava frustrado nas suas esperanças! Uma vez no quarto,

consultou vários livros de cavalaria e verificou que, em todas as ocasiões em que fora proferida semelhante jura, o galo cantara pelo menos duas vezes. «Os hábitos das aves estão alterados» disse com os seus botões. «Devia ter procurado um desses bichos malditos, obrigando-o a cantar — ou então torcer-lhe o pescoço!» A seguir meteu-se num caixão de chumbo, por sinal bastante confortável, e ali ficou até ser outra vez noite.

IV

No dia a seguir tinha uma sensação de cansaço. A excitação anormal das últimas semanas começava a produzir resultado. O mais pequeno ruído bastava para o amedrontar. Durante cinco dias fechou-se no quarto; acabou por desistir de pintar diariamente a nódoa no soalho da biblioteca, considerando que a família Otis não merecia todo esse trabalho. Tratava-se, sem dúvida de gente sem espiritualidade, insensível ao valor simbólico de certos fenómenos. Quanto às aparições e ao desenvolvimento do corpo astral, é óbvio que não estava na sua mão impedi-los: fazia parte do seu plano aparecer uma vez por semana no corredor e soltar gemidos perto da janela de vitral, no primeiro e no terceiro domingo de cada mês, e não sabia como fugir com dignidade àquelas obrigações.

É certo que a sua vida não fora exemplar, mas por outro lado, Sir Simon possuía plena consciência do mundo sobrenatural. Nos três sábados a seguir não deixou de atravessar o corredor, entre a meia-noite e as duas da manhã, tendo o máximo de cuidado para não ser visto nem ouvido; tirava as botas, deslocava-se em silêncio no soalho carunchoso, coberto com uma capa de veludo preto e grilhões previamente untados de óleo. Não fora sem repugnância que aceitara este sistema de protecção sugerido pelo americano, mas vira-se constrangido a isso e aproveitara numa noite em que os Otis estavam a jantar para se introduzir no quarto do diplomata e de lá trazer um franco de *Lubrificador Sol*. A princípio sentiu-se humilhado com o facto, mas era bastante sensato para compreender que o invento tinha grandes vantagens e que lhe convinha às mil maravilhas. No entanto, não se podia dizer que a vida lhe corria bem. Tropeçara com frequência em cordéis esticados na largura do corredor; uma noite estava trajado de *Judeu Errante*, e quase que deu um trambolhão, pois os gémeos tinham esfregado manteiga num dos degraus da escada. Esta última partida irritou tanto que o fantasma resolveu visitar os dois jovens estudantes no seu famoso disfarce de *Conde Decapitado*.

Havia cerca de setenta anos que não enfiava aquele vestuário — desde o dia em que assustara lady Bárbara Modish que, desligando-se do compromisso de

vir a ser esposa do avô do actual lorde de Canterville, fugira com o belo Jack Castleton a fim de se casar com ele na Escócia, declarando que nada no mundo poderia convencê-la a entrar numa família que consentia um fantasma a passear-se no terraço fora de horas. O infeliz Jack Castleton fora morto, depois, em duelo por lorde Canterville, e lady Bárbara morreria de um ataque cardíaco antes do fim desse ano — êxito, na verdade, sem precedentes. Era extremamente difícil compor todo aquele conjunto e o fantasma gastou três horas a fazer preparativos. Quando terminou os seus arranjos, mostrou-se satisfeito com o resultado obtido. As botas de montar, que competiam, eram demasiado grandes para ele, e do par de pistolas necessário só conseguira encontrar uma; no conjunto estava bem e, um quarto de hora depois, introduzia-se no corredor. Procurou o quarto dos gémeos — chamado de «quarto azul» — e encontrou a porta entreaberta. Desejando fazer uma entrada decente, o espectro escacou-a quanto pôde, mas nesse momento, caiu-lhe em cima uma tromba de água que o deixou encharcado. Do lado das camas ouviram-se risinhos abafados. A impressão que esse gracejo provocou no fantasma foi enorme que ele correu a toda a velocidade para o esconderijo, e no dia seguinte adoeceu com uma grave constipação. O que o consolou naquela situação adversa foi a circunstância de não ter levado consigo a cabeça — tratava-se do *Conde Decapitado* — e por isso as

consequências não foram tão sérias como imaginou inicialmente.

Perdeu as esperanças de assustar essa família americana; atravessava normalmente os corredores, de chinelas enfiadas nos pés e com um lenço enrolado no pescoço, com medo das correntes de ar; para a hipótese de ser agredido pelos gémeos levava sempre um arcabuz de pequenas dimensões. A última ofensa que lhe fizeram foi a 19 de Setembro. Tinha descido para o átrio, convencido de que ninguém o incomodaria, e divertiu-se a fazer comentários irónicos sobre as fotografias do diplomata e de sua esposa, que substituíam agora os velhos retratos da família Canterville. O traje que envergava nessa ocasião era simples: um grande lençol, um tanto sujo da terra do cemitério, um abafo amarelo em volta da garganta, a lanterna numa das mãos e um atizador do lume na outra; todo este aparato representava o papel de *Jonas o Desenterrado*, um dos mais conseguidos da sua carreira e que os Canterville nunca mais poderiam esquecer, pois estava na origem do conflito com o seu vizinho lorde Rufford. Eram duas horas e um quarto e Sir Simon tinha a certeza de que ninguém andava por ali. Ao dirigir-se à biblioteca para verificar se havia ainda indícios da nódoa de sangue, surgiram-lhe de repente dois vultos, que levantaram os braços e gritaram: «Huuu!»

Apavorada — que em tais circunstâncias se deve considerar normal —, a alma penada galgou a

escadaria, mas encontrou lá no topo Washington Otis, à espera, com uma daquelas bombas de água que servem para regar os jardins. Cercado por todos os lados pelos seus inimigos, e prestes a ser apanhado, achou preferível meter-se no fogão que, felizmente para ele, não tinha sido aceso nessa noite. Através da chaminé, conseguiu alcançar o quarto, mas chegou todo mascarrado e num desespero lamentável.

Depois disso, nunca mais foi visto em expedições nocturnas. Os gémeos espiaram-no com frequência e encheram os corredores de cascas de nozes, com grande indignação dos pais e das criadas, mas a coisa não resultou nada.

O fantasma tinha sido ferido no seu amor-próprio e recusava-se a aparecer. O senhor Otis retomou o seu trabalho sobre a *História do Partido Democrático*, obra que andava empenhado há muitos anos. A mulher confeccionou um bolo que fez a admiração de todo o castelo e arredores, e os rapazes entretiveram-se com o lacrosse, o iúcar, o poker e outros jogos nacionais. Virgínia cavalgou nos arredores montada no seu poldro e acompanhada pelo jovem duque de Cheshire, que fora passar a última semana de férias em Canterville. Todos eram de opinião que o fantasma os tinha abandonado e o senhor Otis chegou a escrever, nesse sentido, uma carta ao antigo proprietário, que lhe respondeu com felicitações por tão importante acontecimento.

Os Otis estavam equivocados pois o espectro continuava em casa; e embora não estivesse em forma, estava pronto a recomeçar, tanto mais que tinha conhecimento da visita do jovem de Cheshire, cujo tio-avô, lorde Francis Stilton, apostara um dia cem guinéus com o coronel Carbury em como era capaz de jogar aos dados com o fantasma. Foi encontrado na manhã seguinte estendido no chão da sala de jogo imóvel e, embora vivesse ainda muitos anos, nunca pôde pronunciar outras palavras senão sena e ás. A história ficou famosa, embora as duas famílias tratassem de a sufocar; ainda assim, pode ler-se um relato do caso no terceiro volume da obra de lorde Tattle, *Memórias do Príncipe Regente e dos Seus Amigos*. Sir Simon, como é natural, tinha por objectivo demonstrar a sua influência sobre os Stiltons, com quem era ainda aparentado. Isto é, uma prima dele casara em segundas núpcias com o senhor de Bulkeley, de quem descendem em linha recta dos duques de Cheshire. De forma que se preparou para aparecer ao apaixonado de Virgínia na sua interessante encarnação de monge Vampiro ou beneditino Lívido, coisa tão horrível que a velha lady Startup, ao vê-lo na véspera de Natal de 1764, soltou gritos de aflição, acabando numa violenta apoplexia, e morrendo três dias depois, não esquecendo deserdar os Cantervilles que eram os parentes mais próximos, e deixando todo o dinheiro ao seu boticário de Londres.

No entanto à última da hora e com receio dos gémeos escondeu-se no quarto e o duquezinho de Cheshire dormiu tranquilamente no sofá confortável dos aposentos reais e sonhou com a sua bela Virgínia.

V

Dias depois, Virgínia e o seu belo admirador foram dar um passeio a cavalo até ao prado de Brockley; ali rasgou ela, numa sebe, o traje de amazona, e de tal maneira que, no regresso a casa, achou prudente utilizar a entrada de serviço, para não ser observada pelas pessoas da família. Ao passar junto à sala das tapeçarias, a porta abriu-se de par em par e a jovem teve a impressão de que estava alguém lá dentro. Julgou tratar-se da criada particular da mãe, que às vezes levava para ali o seu trabalho de costura, e entrou para lhe pedir que consertasse o vestido. Qual não foi a sua surpresa ao descobrir acolá o fantasma de Canterville! Estava sentado junto da janela observando as folhas doiradas das árvores que o vento fustigava e deitava por terra. Tinha a cabeça apoiada na mão, numa atitude de grande tristeza. Parecia tão triste que a filha dos Otis — cuja primeira reacção fora correr a fechar-se no seu quarto — ficou cheia de pena e resolveu tentar consolá-lo. Os passos dela eram leves e a depressão do fantasma profundíssima, de modo

que ele não deu pela presença da rapariga senão quando esta lhe dirigiu a palavra.

— Lamento imenso — afirmou. — Os meus irmãos voltam amanhã a Eton e espero que mais ninguém o importune, se o senhor se comportar correctamente.

— Acho absurdo falar do meu comportamento — retorquiu ele, olhando-a espantado. — Cena absurda! Se faz referência ao arrastar as correntes, ao gemer das fechaduras e a andar de noite pelos corredores, quero afirmar-lhe que é esse o meu mister. Para isso é que eu estou aqui.

— Não há razão para estar aqui, e além disso o senhor sabe muito bem que não tem sido correcto. A senhora Umney contou-nos, no dia da nossa chegada, que o senhor havia assassinado a sua mulher.

— Está bem, não nego — volveu o espectro, com ar petulante. — Mas isso é um assunto de família que não diz respeito a ninguém.

— Não se deve matar as esposas — sublinhou Virgínia, que denunciava assim a sua origem puritana de Nova Inglaterra.

— Olhe, detesto essa filosofia barata. Minha mulher era uma pessoa vulgar, nunca tinha as minhas golinhas bem engomadas e não sabia cozinhar. Em certa ocasião matei um veado, na floresta de Hogley, um exemplar de primeiríssima ordem. E se visse como ela o apresentou na mesa! Mas isso já foi há muito

tempo, não vale a pena falar mais no caso. O que os irmãos dela não tinham direito era de me matarem à fome...

— Matá-lo à fome? Oh, senhor Fantasma... perdão, quero dizer Sir Simon... por acaso deseja comer? Tenho uma sanduíche que lhe posso dar.

— Não, obrigado. Agora nunca como. Mas não deixo de apreciar a sua bondade. A menina, além disso, é muito bonita. Não se parece com a sua família, que é tão ordinária...

— Cale-se, por favor — exclamou Virgínia, batendo com o pé no chão. — O senhor é que é ordinário, tanto mais que roubou as tintas da minha caixa para revivar essa ridícula mancha de sangue da biblioteca. No início levou os encarnados (incluindo o vermelhão) e eu nunca mais pude pintar os maravilhosos pôr do Sol que se admiram daqui. A seguir começou a tirar-me o verde-esmeralda e o amarelo de cromo, de maneira que só fiquei com o azul e um resto de branco, o que me permite apenas fazer paisagens ao luar, coisa um tanto doentia. Nunca me queixei, embora o facto me aborrecesse bastante. O que me pareceu disparatado foi pintar de verde-esmeralda a tal nódoa de sangue.

— Sim, de facto... — anuiu o fantasma, já mais humilde. — Mas o que é que eu podia fazer? Hoje em dia é difícil conseguir sangue verdadeiro, e, como o seu irmão começou a empregar o *Sabão Sem Rival*, achei

que era prático recorrer às suas tintas. Quanto à cor, é tudo uma questão de gosto, no fim de contas: os Canterville têm sangue azul, mas vocês, americanos, nem ligam a estes pormenores...

— Nem sabe o que está a dizer. Eu, no seu caso, emigrava. Meu pai terá muito gosto em lhe arranjar passaporte, e, embora os funcionários da Alfândega sejam muito rigorosos, estou certa de que não levantarão dificuldades. Logo que chegue a Nova Iorque, o senhor pode alcançar os maiores triunfos. Conheço centenas de pessoas que dariam tudo só para terem um antepassado, quanto mais um fantasma na família!

— A ideia de ir para a América não me seduz...

— Talvez porque não temos ruínas nem outras curiosidades — sublinhou Virgínia, em tom mordaz.

— Ruínas? Curiosidades? Têm a sua marinha de Guerra, as suas maneiras extravagantes...

— Ah, sim? Então boa tarde. Vou pedir ao papá que deixe ficar os gémeos mais uma semana em casa.

— Não faça isso, por favor! Estou tão deprimido e sinto-me tão abandonado que não sei para onde me voltar. Queria dormir e não consigo.

— Que tolice! Basta ir para a cama e apagar a vela. O que é difícil é ficar-se acordado, em especial na igreja, mas, quanto ao sono, é só esperar que ele chegue. Até as crianças sabem o que se faz nesse caso, e ainda não têm discernimento.

— Há trezentos anos que não durmo — voltou ele, melancolicamente.

Os olhos azuis de Virgínia abriram-se mais, de puro espanto. O fantasma prosseguiu:

— Há três séculos que não durmo e sinto-me exausto.

A rapariga ficou preocupada, os lábios tremeram-lhe como pétalas de rosa. Aproximou-se do espectro, ajoelhou-se ao lado dele e contemplou aquela face mirrada.

— Pobre fantasma, coitado! — desabafou ela. — Não tem onde descansar?

— Além, por detrás dos pinheiros — respondeu o outro, em voz baixa e sonhadora —, há um pequeno jardim. Aí a erva cresce à vontade, as flores desabrocham e durante a noite cantam rouxinóis. A lua envolve-o na sua claridade fria.

Aos olhos de Virgínia a floraram lágrimas. Escondendo o rosto nas mãos, suspirou:

— Fala do cemitério, já sei...

— Sim, o Jardim da Morte. A morte é bela. Que bom repousar debaixo da terra, com as ervas ondeando ao vento sobre o nosso corpo e o silêncio à nossa volta! Não ter ontem nem amanhã! Esquecer o tempo, esquecer a vida, estar em paz! Talvez possa auxiliar-me, abrir-me as portas da Morte, porque o Amor, mais forte do que esta, vive em si, miss Otis.

Virgínia teve um sobressalto. Percorreu-a um

calafrio e ela ficou muda por um momento. Parecia caído nos braços de um sonho bizarro.

Então o fantasma continuou a falar, e a voz do seu como um suspiro do vento:

— Já leu a velha profecia escrita na janela da biblioteca?

— Tantas vezes! — respondeu Virgínia, dirigindo o olhar para o seu interlocutor. Está pintada com caracteres pretos; custou-me, ao princípio, a decifrá-los. São apenas seis versos:

*Quando chegar a rapariga
E com os seus puros lábios diga
Certa oração, que as pedras faz
Chorar de pena, então, então,
Silêncio e amor do Céu virão
E Canterville terá paz.*

Mas não percebo o que isto quer dizer.

— Isso significa — interrompeu o espectro — que a menina deve rezar pelo perdão dos meus pecados visto que eu não tenho fé; e como é bela, generosa e meiga, o Anjo da Morte terá pena de mim. As coisas chorarão ouvindo as suas rezas e o Céu escutará suas orações.

Ela não deu resposta, e o fantasma apertou as mãos desesperado, olhando para aqueles cabelos loiros e sedosos. Repentinamente Virgínia levantou-se, muito pálida, com uma luz estranha no olhar.

— Não tenho dúvida — afirmou. — Pedirei ao Anjo da Morte que tenha pena do senhor.

Ele levantou-se, soltando um grito de alegria, e pegando na mão dela, curvou-se à moda antiga e beijou-a. Os dedos do fantasma pareciam gelo, mas Virgínia não teve medo. Sir Simon conduziu-a através da sala mergulhada em trevas. Nas tapeçarias da parede distinguia-se, no entanto, vultos de caçadores bordados de verde, de um verde desmaiado: sopraram as buzinas e acenaram-lhe quando ela passou. Ouvia-se que diziam: «Volta para trás, Virgínia!» O fantasma segurou-a mais, apertando-lhe bem a mão, e a rapariga fechou os olhos. No pano-do-fogão, de madeira esculpida, havia animais esquisitos, que gritavam: «Cautela, Virgínia, cautela!» mas Sir Simon conduziu-a sempre e a rapariga não ouviu mais nada. Ao chegarem ao extremo da sala, ele parou e murmurou palavras que ela não pôde compreender. Quando abriu os olhos viu as paredes desfazerem-se como se fossem nevoeiro; defronte estava uma caverna enorme e escura, donde soprava vento frio, que lhe levantava o vestido.

— Depressa, depressa! — disse o fantasma —, ou então será tarde de mais.

No momento, o tabique fechou-se através deles e a sala das tapeçarias ficou deserta.

VI

Dez minutos mais tarde a campainha tocou para o chá e, como Virgínia não aparecesse, a senhora Otis mandou um criado à procura dela. Este voltou pouco tempo depois, declarando que não encontrara a menina em parte alguma. Como era costume da rapariga ir todas as tardes ao jardim colher flores para a casa de jantar, a mãe não se mostrou muito preocupada; mas ao soarem as seis horas sem que Virgínia regressasse, a senhora Otis começou a afligir-se e enviou os rapazes em busca da irmã, enquanto ela própria e o marido investigavam por toda a casa. Às seis e meia os rapazes vieram dizer que em nenhum lugar haviam descoberto vestígios da desaparecida. Todos, agora, davam largas à sua ansiedade, sem saber o que fazer, subitamente o diplomata recordou-se de que, dias antes, tinha dado licença para que um grupo de ciganos acampasse no parque. Partiu imediatamente, acompanhado do filho mais velho, para o sítio onde calculava que eles estivessem. Levava também consigo dois criados; e o duquezinho de Cheshire, que não era dos menos aflitos, insistiu para que o deixassem ir, receoso de que pudesse surgir alguma briga. Ao chegarem ao lugar previsto ficaram a saber que os ciganos já tinham partido e perceberam que a partida destes fora precipitada, pois ainda se viam fogueiras e alguns pratos abandonados na relva. Depois d

mandar Washington com mais dois homens explorar os arredores, Otis voltou a casa e enviou telegramas para todos os inspectores de polícia da comarca, recomendando-lhes que procurassem uma rapariga que fora raptada por ciganos ou por mendigos errantes. A seguir ordenou que lhe aprontassem o cavalo e, tendo insistido com a mulher, com os restantes filhos e com o duque para que jantassem, partiu para Ascot, apenas com o arreeiro. Ainda só galopava algumas milhas, quando ouviu que galopavam atrás dele; olhou para trás e reconheceu o moço duque de Cheshire, montado no seu cavalo, muito corado e sem chapéu.

— Desculpe, senhor Otis — disse ele, ofegante —, mas não conseguirei comer enquanto Virgínia não for descoberta. Não se zangue, por favor. Se já estivéssemos noivos, desde o ano passado, nada disto teria acontecido. Dá-me licença que o acompanhe? Gostava tanto!

O diplomata não pôde deixar de sorrir àquele estouvado. Comoveu-se ao verificar o amor que o rapaz consagrava a Virgínia. Inclinou-se para ele, tocou-lhe no ombro, e disse:

— Está bem, Cecil; se não deseja que o mande embora, venha então comigo; em Ascot arranjar-se-lhe-á um chapéu.

— Isso é o menos! O que importa é salvar Virgínia! — exclamou o duque, rindo.

E galoparam em direcção à estação de caminho-de-ferro. Ali, Otis inquiriu do chefe da estação se tinha visto uma menina, cujos sinais descreveu, mas não obteve confirmação da sua passagem por aquele lugar. O funcionário, no entanto, telefonou para vários pontos e garantiu que em toda a parte se faziam rigorosas investigações. Depois de ter comprado um chapéu para o seu companheiro, o diplomata seguiu para Bexley, que fica a cerca de quatro milhas de distância, e onde se dizia que estavam muitos ciganos acampados. Pelo caminho, encontrou um guarda rural, que não soube dizer nada; deram uma volta à aldeia e não descobriram nada. Enfim, voltaram ao castelo pelas onze horas, cansados e desanimados. Washington e os gémeos esperavam-no ao portão, com lanternas, dado que a alameda era muito escura. Ninguém descobrira o mais pequeno vestígio de Virgínia; os ciganos haviam sido encontrados na campina de Broxley mas a desaparecida não estava com eles; a sua saída precipitada explicaram-na com o facto de se terem enganado quanto à data da feira de Chorton de modo que haviam partido à pressa com medo de chegarem muito tarde. Mostraram-se desgostosos com o que acontecera, tanto mais que se diziam gratos para com o senhor Otis, pelo bom acolhimento que lhes dera no parque; quatro deles chegaram até a oferecer-se para auxiliarem as buscas.

Esvasiaram a água de um tanque e percorreram

de lés-a-lés todo o domínio. O resultado foi sempre o mesmo. Pelo menos naquela noite, era evidente que Virgínia se podia considerar perdida. E foi num estado de profunda tristeza que Otis e os rapazes entraram em casa. No vestibulo aguardavam-nos as criadas, cheias de susto; a senhora Otis jazia num sofá da biblioteca, quase desnorteada pelo pavor e pela angústia. A criada velha punha-lhe compressas de água-de-colónia nas fontes. O marido, logo que entrou, insistiu com ela para comer qualquer coisa, e ordenou que servissem uma ceia para todos.

A refeição decorreu melancolicamente. Mal falavam, e os próprios gémeos, que eram amicíssimos da irmã, calavam-se desta vez, amedrontados. Quando acabaram, Otis, a despeito das súplicas do duquezinho, ordenou aos rapazes que fossem para a cama, dizendo que, nessa noite, não se podia fazer mais nada e que, no dia seguinte, telegrafaria para Londres a pedir que lhe enviassem um agente de investigação criminal. Quando saíram da casa de jantar, soaram as badaladas da meia-noite; precisamente ao acabar de se ouvir a última, produziu-se um relâmpago e rebentou um trovão medonho, que estremeceu a casa toda; no ar flutuou depois uma música celestial, caiu um lambril do patamar e, no alto da escadaria, muito pálida, com um cofrezinho na mão, apareceu Virgínia Otis. No mesmo instante todos correram para ela. O pai tomou-a com frenesi nos braços, o duque sufocou-a de beijos

violentos e os gémeos executaram uma dança guerreira em torno do grupo.

— Deus do céu, filha! Que te aconteceu? — perguntou o diplomata, um tanto severo, na ideia de que a rapariga lhes tivesse pregado uma partida. — Cecil e eu corremos a cavalo toda a comarca, em tua busca, e tua mãe quase morria de aflição. Nunca mais faças brincadeiras destas.

— Minha querida, graças a Deus por teres voltado. Não te deixarei, agora, sair da minha beira — acudiu a senhora Otis, ao mesmo tempo que beijava a pequena e lhe acariciava os cabelos loiros.

— Papá — respondeu Virgínia, muito calma —, estive com o fantasma. Morreu! Podem ir vê-lo. Foi maldoso, é verdade, mas arrependeu-se de tudo quanto fizera, e deu-me, antes de morrer, este cofrezinho cheio de lindas jóias.

Toda a família olhou perplexa para ela, que se manteve, entretanto, séria e grave. Dando meia volta, a rapariga conduziu-os pela abertura do lambril, por um extenso corredor secreto. Washington segurava uma vela acesa, com que tivera a precaução de se munir. Por fim chegaram a uma porta de carvalho, muito espaçosa e guarnecida de pregos ferrugentos. Logo que Virgínia lhe tocou, a porta girou nos gonzos e acharam-se todos em frente de um quatinho de tecto baixo e abobadado, onde havia uma janela de grades.

Embutido na parede via-se um círculo de ferro e,

preso a ele, um esqueleto estendido na laje. Com os dedos longos parecia querer alcançar um jarro que se encontrava já fora do seu alcance — e o qual, se outrora guardara água fresca, só mostrava agora uma espécie de lodo esverdeado. Num prato, também colocado sobre as lajes, não se descobria senão uma camada de pó. Virgínia ajoelhou-se ao lado do esqueleto e, juntando as mãos começou a rezar em silêncio, enquanto os outros circunstantes olhavam, pasmados, para aquela tragédia, cujo sentido lhes escapava.

— Olá! — exclamou um dos gémeos, que tinha estado a observar qualquer coisa da janela, como quem pretende certificar-se da posição daquele quarto quanto ao resto da casa. — Olhem, a velha amendoeira seca está em flor. Vêem-se perfeitamente as flores, ao luar.

— Deus perdoou-lhe — disse Virgínia, levantando-se, num rasgo de alegria.

— Você é um anjo! — volveu o moço duque, descansando as mãos nos ombros dela beijando-a com ternura.

VII

Quatro dias depois destes curiosos incidentes, saiu do Castelo de Canterville um enterro, pelas onze

horas da noite. O carro fúnebre ia puxado por oito cavalos pretos, cada um dos quais levava na cabeça um tufo de plumas de avestruz. O féretro estava coberto por um rico pano mortuário onde se ostentavam, bordadas, as armas dos Canterville. Ao lado das carruagens seguiam os criados com tochas acesas; o cortejo tinha grande aparato. Dirigia o funeral lorde Canterville, que viera para o efeito, do País de Gales. Com ele, no primeiro coche, sentara-se Virgínia Otis; a seguir ia o diplomata, com sua mulher; seguia-se Washington e os três rapazes e, por último, um carro com a senhora Umney. Todos concordavam que esta, tendo sido afligida durante mais de cinquenta anos pelo fantasma, adquiriu o direito de o acompanhar à sepultura. Num dos extremos do cemitério haviam aberto uma cova funda, mesmo por debaixo do enorme freixo. Leu as orações o reverendo Dampier, e fê-lo de modo impressionante. Quando a cerimónia terminou, os criados (segundo o velho costume observado sempre na família Canterville) apagavam as tochas. Virgínia lançou sobre o caixão um punhado de flores de amendoeira. Nesse momento a Lua surgiu detrás de uma nuvem, espalhando no cemitério a sua claridade de prata. Um rouxinol começou a cantar. A rapariga lembrou-se da descrição que o fantasma fizera; os olhos encheram-se-lhe de lágrimas e a custo conseguiu articular uma ou outra palavra, no regresso a casa.

Na manhã seguinte, antes que o lorde Canterville

se fosse embora, Otis teve uma conversa com ele a respeito das jóias que o fantasma oferecera a Virgínia. Eram magníficas, em especial certo colar de rubis engastados à antiga veneziana, soberbo espécime da ourivesaria do século XVI; tinha tanto valor que o americano sentia escrúpulos em permitir à filha que o aceitasse.

— Sei que neste país os bens mobiliários se transmitem na família, como as terras, peço-lhe, pois, que leve consigo esse tesouro, que deve considerar como propriedade sua e que lhe vai ter às mãos em condições decerto muito estranhas. Quanto à minha filha, trata-se ainda de uma criança para quem esse luxo por ora não representa grande necessidade, estou informado (por minha mulher, que é autoridade em coisas de arte, porque passou Invernos em Boston, quando era rapariga) que essas jóias são de imenso valor e que, vendidas, atingiriam elevado preço. Debaixo de certas circunstâncias, lorde Canterville, compreende que é impossível permitir que elas fiquem na posse de qualquer membro da minha família; e, na verdade, todas esses enfeites e bugigangas, que parecem necessárias à aristocracia inglesa, são completamente inúteis para aqueles que se criam nos princípios severos (e, ousou crer, imortais) da simplicidade republicana. Não escondo, no entanto, que Virgínia pretende ser autorizada a conservar o cofrinho como recordação do infeliz antepassado de

Vossa Excelência. Como se trata de um objecto muito antigo, deteriorado, e de difícil conserto, espero que Vossa Excelência não ponha objecção do desejo dela. Por minha parte, confesso-me surpreendido com a circunstância de uma filha minha se mostrar tão interessada pelas coisas medievais, mas é preciso notar que a rapariga nasceu nos subúrbios de Londres, quando minha mulher andava em viagem pela Europa.

— Lorde Canterville escutou com muita atenção o discurso do diplomata, afagando de vez em quando o bigode branco para ocultar um sorriso involuntário. Quando Otis acabou de falar, o outro apertou-lhe a mão, com a maior cordialidade, e disse:

— Meu caro senhor, a sua linda filha prestou ao meu desventuroso antepassado, Sir Simon, um serviço dos mais valiosos, e eu e minha família estamos deveras gratos à sua coragem e ânimo admirável. Não há dúvida de que as jóias lhe pertencem e, palavra de honra, eu não seria mais do que um desalmado se a despojasse desse tesouro; o velho Canterville levantar-se-ia, com certeza, do túmulo para me vir pedir contas de tão feia acção. Quanto a serem bens inalienáveis, devo dizer-lhe que só se consideram como tais os que figuram em testamento ou em qualquer outro documento legal; ora a existência dessas jóias era em absoluto desconhecida. Garanto-lhe que tenho tanto direito sobre elas como o seu mordomo. Quando Miss Virgínia for crescida há-de gostar de ter coisas belas

para seu uso pessoal. Além disso, senhor Otis, Vossa Excelência esquece-se de que comprou o castelo com a respectiva mobília e o próprio fantasma incluído, de maneira que tudo lhe ficou a pertencer. Fossem quais fossem as actividades nocturnas de Sir Simon nos corredores, a verdade é que ele estava morto perante a lei e já não tinha nenhuns direitos de propriedade.

O diplomata não se conformava com a recusa de lorde Canterville e insistiu com ele para reconsiderar nesse ponto. Mas o bondoso par-do-reino manteve-se firme nas suas ideias e conseguiu convencer o americano a permitir à filha conservar o que lhe fora oferecido pelo fantasma. Quando, na Primavera de 1890, a juvenil duquesa de Cheshire foi apresentada à rainha, por ocasião do seu casamento, as jóias que ostentava causaram a admiração de toda a gente. Ela e o marido eram ambos tão simpáticos e amavam-se tanto que todos assistiram encantados àquele enlace, excepto a velha marquesa de Dumbleton, que tencionava guardar o duque para uma das suas sete filhas solteiras, e dera, para tal fim, três jantares bastante dispendiosos. Também o senhor Otis não se mostrou muito satisfeito, embora gostasse a valer do duquezinho; mas em teoria, era contra os títulos. Para empregar as suas próprias palavras, sentia-se «apreensivo pela suspeita de que, no meio das delícias da aristocracia, se esqueceriam, por certo, os princípios da simplicidade republicana». Estas objecções,

contudo, foram por completo removidas, e eu creio que, ao conduzir a filha pelo braço, ao longo da nave da Igreja de S. Jorge, não havia no mundo outro homem tão orgulhoso.

O duque e a duquesa, acabada a lua-de-mel, foram para o Castelo de Canterville. No dia seguinte à sua chegada, fizeram uma visita ao cemitério. A princípio houvera grandes dificuldades quanto à escolha da inscrição que deviam pôr no túmulo de Sir Simon, sendo, por fim, decidido que ali gravariam apenas as iniciais dos nomes dele e os versos do vitral da biblioteca. A duquesa levou consigo um ramo de rosas, que depôs sobre a sepultura e, depois de se conservarem ali uns momentos, dirigiram-se até à velha abadia, e entraram na capela-mor. A duquesa sentou-se numa coluna caída por terra, enquanto o marido, aos pés dela, fumava um cigarro e admirava os seus lindos olhos azuis. Subitamente, deitando o cigarro fora, o rapaz pegou-lhe na mão e disse:

— Virgínia, uma esposa não deve ter segredos para o homem com quem casou.

— Querido Cecil, não tenho segredos para ti.

— Tens sim — respondeu ele sorrindo. — Nunca me disseste o que aconteceu quando tu e o fantasma ficastes sozinhos um com o outro.

— Jamais o contarei fosse a quem fosse — retorquiu Virgínia em tom grave.

— Isso eu sei, mas deves contá-lo a mim.

— Por favor, não insistas! Não to posso dizer. Pobre Sir Simon! Estou-lhe tão grata! Sim, Cecil, não te rias: devo-lhe muito. Ele fez-me conhecer o que era a vida, o que significa a morte, e como o amor é superior a todas as coisas.

O duque levantou-se e beijou a mulher com ternura.

— Guarda o teu segredo — disse ele — tanto tempo quanto eu conservarei o teu coração.

— Te-lo-ás sempre, Cecil.

— Mas, um dia, conta-lo-ás aos teus filhos, não é verdade?

Virgínia ficou ruborizada.

O Modelo Milionário

A menos que se tenha muito dinheiro, não vale a pena ser uma pessoa encantadora. O sentimentalismo é privilégio dos ricos, não é profissão para desempregados. Os pobres devem ser práticos e prosaicos. Antes ter um bom rendimento do que ser insinuante. Eis grandes verdades da vida moderna, que nunca foram compreendidas por Hughie Erskine. Coitado do Hughie! Intelectualmente, temos de confessá-lo, nunca foi uma notabilidade. Jamais disse qualquer coisa brilhante ou sequer perversa. Mas, em compensação, era um bonito rapaz, de cabelos loiros e ondulados, perfil bem esculpido, grandes olhos castanhos. Tinha tanta popularidade entre os homens como entre as mulheres; possuía, enfim, todas as prendas, excepto a de saber ganhar dinheiro. O pai legara-lhe o seu sabre de cavalaria e uma *História da*

Guerra Peninsular em quinze volumes. Hughie pendurou aquele sobre o espelho do toucador e pôs os livros entre *Guia dos Jogos de Cartas* e o *Magazine* de Bailey, e passou a viver com duzentas libras anuais de rendimento, que uma tia lhe deixara.

Experimentou vários empregos. Durante seis meses frequentou a Bolsa: mas o que pode fazer uma borboleta no meio de ursos e touros? Foi negociante de chá por uma temporada um pouco mais longa, até que se fatigou de lidar com chá preto e chá verde. Tentou, depois, vender xerez seco, o que não deu resultado. O xerez era seco de mais. Por fim deixou-se de tudo isso e ficou sendo apenas um rapaz encantador e inútil, com um belo perfil, mas sem profissão.

Para tornar o caso mais feio, ainda por cima se apaixonou. A rapariga da sua eleição era Laura Merton, filha de um coronel reformado que perdera a paciência e as boas digestões na Índia, e nunca mais reencontrara nem uma coisa nem outra. Laura adorava Hughie e este retribuía-lhe na mesma moeda. Formavam o par mais bonito de Londres, mas não tinham vintém, nem ele nem ela. O coronel estimava muito o rapaz; não lhe falassem, porém, de casamento!

— Vem ter comigo quando possuíres dez mil libras, e então ver-se-á o que se faz — costumava dizer a Hughie. Hughie ficava de mau humor e ia procurar consolo junto de Laura.

Uma bela manhã, quando se encaminhava para

Holland Park, onde viviam os Mertons, lembrou-se de ir visitar um amigo seu, Alan Trevor. Trevor era pintor, coisa a que pouca gente escapa hoje em dia. Mas era também artista, e os artistas são mais raros. Tinha maneiras um tanto rudes, pele sardenta, e usava barba ruiva mal penteada; contudo, quando pegava no pincel, tornava-se um verdadeiro senhor, e os seus quadros disputavam-no os entendidos na matéria. A princípio a sua simpatia por Erskine resultou, diga-se de passagem, dos atractivos pessoais deste último.

— As únicas pessoas que um pintor deve conhecer — explicava ele — são as estúpidas e as bonitas criaturas, enfim, que dêem prazer à vista e não obriguem a esforços intelectuais durante a conversa. Os homens elegantes e as mulheres amadas governam o mundo, ou, pelo menos, deviam governá-lo.

Contudo, depois de conhecer bem Hughie Erskine, continuou a gostar dele pelo seu feitio desenvolvido e pela sua natureza generosa e descuidada. Por isso o autorizara a ir à sua oficina, sempre que quisesse.

Quando Hughie entrou, deparou-se-lhe Trevor a dar os últimos retoques num belo retrato de tamanho natural, que representava um mendigo. O próprio mendigo estava de pé sobre um estrado ao canto da sala. Era um velho seco, de cara engelhada como pergaminho e expressão deveras comovedora. Dos ombros pendia-lhe uma capa castanha, grosseira,

cheia de rasgões e de nódoas. Tinha as botas cambadas e remendadas. Com uma das mãos apoiava-se a uma bengala tosca e com a outra segurava o chapéu amachucado onde recolhia as esmolas.

— Que extraordinário modelo! — segredou Hughie Erskine, quando apertou a mão do seu amigo.

— Achas? — volveu o outro, em voz alta. — Eu também. Mendigos como este não se encontram todos os dias. Uma *trouvaille, mon cher*. Um Velázquez em carne e osso. Que espantosa gravura Rembrandt não faria dele!

— Coitado! — murmurou Hughie. — Tem um aspecto tão infeliz... Mas creio que, para vocês, a cara desses desgraçados vale um dinheirão.

— Sem dúvida — respondeu Trevor.

Não hás-de querer um pedinte com expressão de felicidade.

— Quanto ganha um modelo por sessão? — inquiriu o visitante, sentando-se num sofá confortabilíssimo.

— Um xelim por hora.

— E por quanto venderás esse retrato, Alan?

— Ah, por este receberei dois milhares.

— De libras?

— De guinéus. Os pintores, os poetas e os músicos pagam-se sempre em guinéus.

— Parece-me que o modelo deveria ter uma percentagem — declarou Erskine, rindo. — Trabalham quase tanto como tu.

— Ora, tolices! Compara o trabalho de ficar ali sossegado, e este de estar de pé diante do cavalete, o dia inteiro! Para ti é muito fácil falar, mas a verdade é que há momentos em que a arte chega a atingir a dignidade do trabalho manual. Entretanto, cala a boca. Estou muito ocupado. Fuma um cigarro e conserva-te caladinho.

— Daí a pouco entrou o criado e disse a Trevor que estava lá fora o homem das molduras.

— Não te vás embora, Hughie — pediu o pintor, saindo. — É só um instante.

O mendigo aproveitou a ausência do Trevor para descansar uns minutos num banco de pau que estava por detrás dele. Tinha o ar tão fatigado e miserável que Erskine não pôde evitar um movimento de piedade, e procurou na algibeira todo o dinheiro que possuía: encontrou apenas um soberano e algumas moedas de cobre. «Coitado», pensou, «há-de precisar disto mais do que eu, embora não seja muito». Atravessou a sala e insinuou o soberano na mão do velho.

Este estremeceu. Aos lábios acudiu-lhe um sorriso débil.

— Obrigado, meu bom senhor, obrigado... Quando Trevor voltou, Hugh despediu-se, ainda um tanto corado pelo rasgo que tivera. Passou o dia junto de Laura, apanhou uma descompostura amável pela sua extravagância, e voltou a pé para casa.

À noite demorou-se no clube até cerca das onze horas. A certa altura encontrou-se na sala de fumar, em companhia de Alan Trevor.

— Então, Alan — perguntou —, já acabaste o retrato?

— Está pronto e emoldurado — declarou o pintor. — A propósito, fizeste uma conquista. Aquele velho que tu viste, o meu modelo, está muito interessado por ti. Tive de lhe contar tudo o que sabia a teu respeito: quem eras, onde moravas, de que vivias, quais os teus projectos futuros...

— Se calhar, vou encontrá-lo à minha espera quando for para casa! Mas com certeza que estás a brincar. Pobre homem! Gostaria de poder fazer qualquer coisa por ele. Deve ser horrível chegar a uma situação daquelas. Tenho montes de roupas velhas nas gavetas. Achas que lhe faria jeito qualquer coisa nesse género? A dele cai aos bocados!

— Mas fica tão bem no meio dos seus andrajos! — retorquiu Trevor. — Eu, por nada deste mundo o pintaria de casaca e chapéu alto. O que tu chamas andrajos chamo eu fantasia. O que para ti é pobreza para mim é pitoresco. Em todo o caso comunicar-lhe-ei a tua oferta.

— Vocês, pintores — observou Erskine, muito sério —, são tipos sem coração.

— O coração de um artista é a sua cabeça. Além disso, o nosso mester é focar o mundo tal como nós o

vemos, e não reformá-lo como devia ser. À *chacun son métier*. E agora conta-me como vai a tua Laura. O modelo também se interessou muito por ela.

— Não me digas que lhe falaste de Laura! — exclamou Erskine.

— Mas é que falei. Ele sabe tudo a respeito da pelintrice do coronel, dos encantos da filha, e das dez mil libras...

— Puseste esse velho mendigo no segredo da minha vida particular? — retorquiu o amigo, corando e fazendo uma expressão de zanga.

— Meu caro Hugh — atalhou o outro, sorridente —, esse velho mendigo, como tu o classificas, é um dos homens mais ricos da Europa. Sem que lhe faça nenhuma diferença, pode comprar Londres de lés-a-lés, se lhe der na gana. Tem casa em todas as capitais, janta em baixela de ouro...

— Que estás a dizer-me?

— Isto mesmo: o velho que tu viste na minha oficina de pintura é o barão Hausberg. Somos muito amigos, ele compra-me os quadros e há cerca de um mês encarregou-me de o pintar vestido de pedinte. *Que voulez-vous! La fantaisie d'un millionnaire!* E devo confessar que fica muito bem naqueles seus andrajos, ou melhor, nos meus, porque fui eu quem lhos emprestou.

— O barão Hausberg! — repetiu Erskine. — Meu Deus, e eu que lhe dei um soberano.

E, dizendo isto, afundou-se na poltrona envergonhado e abatido.

— Deste-lhe um soberano? Ah, ah! Pois, meu caro, não o tornas a ver! *Son affaire est l'argent des autres.*

— Devias-me ter prevenido, Alan, e impedir que eu fizesse semelhante figura!

— Espera lá... Em primeiro lugar, eu nunca me lembrei que andasses a distribuir esmolas dessa maneira. Calculava que fosses capaz de beijar um bonito modelo, mas dar dinheiro a um feio e velho é que não! Além disso, não sabia se Hausberg gostaria que o apresentasse. Como viste, não estava decentemente vestido...

— Que ideia há-de ter feito de mim! Devia ter-me achado um cretino.

— Nem por sombras. Depois que tu saíste, notei que estava muito bem disposto. Falava consigo mesmo e esfregava as mãos, de contente. Não percebi então porque se interessou tanto acerca da tua pessoa, mas agora compreendo. É capaz de colocar a juro o teu soberano e de tos pagar semestralmente.

— Sou um parvo! — exclamou Erskine. — O melhor que devo fazer, neste momento, é ir para a cama. E espero que guardes segredo da história. Com que cara apareceria eu em público?

— Que disparate! Só deste provas do teu espí-

rito filantrópico. Não te vás ainda, fuma mais um cigarro e fala-me a respeito de Laura.

Hughie Erskine, porém, não se quis demorar, e foi para casa com ar muito triste, deixando Alan Trevor a rir às gargalhadas.

Na manhã seguinte, ao pequeno-almoço, o criado trouxe-lhe um bilhete em que estava impresso:

GUSTAVE NAUDIN

E por baixo, à mão, estas palavras:

Da parte do barão Hausberg

Mandou entrar e apareceu-lhe um cavalheiro de óculos de aro dourado e cabelo branco, a falar com acento levemente francês.

— É ao senhor Erskine que tenho a honra de me dirigir? — perguntou o recém-vindo.

— Sim, senhor.

— Trago um recado do barão Hausberg, o qual...

— Peço-lhe que lhe apresente as minhas desculpas, senhor Naudin.

— ... o barão — continuou o outro, sorrindo — encarregou-me de lhe entregar esta carta.

E deu-me um sobrescrito lacrado, onde li: «Presente de casamento para Hughie Erskine e Laura

Merton, da parte de um velho pedinte». Dentro vinha um cheque de dez mil libras.

Quando foi o casamento, Alan Trevor serviu de padrinho, e o barão fez um discurso no banquete nupcial.

— Milionários modelos — observou nessa altura o pintor — são bastante raros; mas modelos milionários ainda o são muito mais!

Esfinge sem Segredo

Estava eu sentado, uma tarde, na esplanada do Café de la Paix, a observar o esplendor e a miséria da vida parisiense e a dialogar com o meu vermute sobre o estranho panorama de ostentação e pobreza que se me desenrolava perante os olhos, quando ouvi alguém chamar pelo meu nome. Voltei-me e vi lord Murchison. Nunca mais nos havíamos falado depois de termos sido colegas na Universidade, cerca de dez anos antes, de maneira que fiquei satisfeitíssimo com o encontro e apertei-lhe a mão calorosamente. Em Oxford nós fôramos grandes amigos: estimava-o deveras, considerava-o bem parecido, inteligente e sério. Costumávamos dizer dele que seria o melhor dos amigos se não fosse a sua franqueza, mas eu, no fim de contas, admirava-o em especial por isso. Achei-o bastante mudado. Pareceu-me ansioso, perplexo

como se andasse desconfiado de tudo. Calculei que não se tratava de cepticismo, então em moda, porque Murchison era o mais sólido dos conservadores e acreditava com a mesma firmeza tanto no Pentateuco como na Câmara Alta. De maneira que concluí dever ser uma mulher a causa da sua transformação, e assim lho fiz notar.

— Ainda não te casaste? — perguntei.

— Não compreendo suficientemente as mulheres — respondeu.

— Meu caro Gerald — volvi —, as mulheres foram feitas para serem amadas, não para serem compreendidas.

— Não pode haver amor onde não há confiança...

— És capaz de ter algum mistério na vida, Gerald! Abre-te comigo.

— Vamos dar uma volta de carruagem — propôs ele. — Aqui está muita gente. Não, carruagem amarela não quero. Outra cor. Cá está uma verde-escura, esta serve.

Daí a pouco descíamos a avenida em direcção à Madalena.

— Aonde me levas? — inquiri.

— Aonde quiseres. A um restaurante do Bosque, por exemplo. Jantamos lá e tu contas-me o que tens feito.

— Primeiramente desejo ouvir-te. Hás-de revelar-me o teu mistério.

Lorde Murchiso tirou do bolso uma carteira marroquim debruada de prata e apresentou-ma. Abriu e deparou-se-me dentro a fotografia de uma mulher alta e magra, de estranhos olhos vagos e cabelos soltos. Tinha um ar de vidente e estava envolta em preciosas peles.

— Que te parece esta cara? — perguntou-me.
— Achas que tem uma expressão sincera?

Examinei o retrato com atenção. Afigurou-se-me o rosto de alguém que guarda um segredo, mas não poderia dizer se o segredo era bom ou mau. Era uma beleza feita de muitos mistérios (beleza na verdade psicológica, não plástica) e o sorriso débil que brincava nos lábios tinha excesso de subtileza para realmente meigo.

— Então, que dizes? — insistiu o meu amigo impaciente.

— É uma Gioconda coberta de peles — respondi.
— Relata-me mais qualquer coisa a seu respeito.

— Agora não. Depois do jantar.

E começou a falar de outras coisas.

Quando o criado nos trouxe café e cigarros lembrei a Gerald a sua promessa. Levantou-se ele, dois ou três giros na sala e, deixando-se afundar na poltrona, contou a história seguinte:

«Uma tarde descia eu Bond Street, cerca das cinco horas. Havia uma afluência extraordinária de carruagens e o tráfico estava, por assim dizer, interrompido.

Perto do passeio estacionava um cupé amarelo, o qual, fosse porque fosse, atraiu a minha atenção. Quando me aproximei mais, mirou-me de dentro o rosto que eu hoje te mostrei, rosto que imediatamente me fascinou. Toda a noite pensei nele, e o mesmo aconteceu no dia seguinte. Subi e desci aquela maldita rua, espiando todas as carruagens e esperando descobrir alguma de cor amarela; mas não consegui lobrigar *ma belle inconnue* — até que cheguei a supor haver sido apenas um sonho. Uma semana mais tarde jantei com madame de Rastail. O jantar fora marcado para as oito, mas às oito e meia ainda esperávamos na sala. Finalmente o criado escancarou a porta e anunciou lady Alroy: era a mulher que me obsidiava o espírito! Entrou muito vagarosa, semelhante a um raio lunar envolto em rendas alvadias. Para cúmulo da minha felicidade, disseram-me que a conduzisse à casa de jantar. Sentámo-nos, e eu observei com a maior inocência.

— Julgo, Lady Alroy, que a vi há pouco tempo na Bond Street...

Ela empalideceu e replicou-me, em voz baixa:

«Peço-lhe que não fale tão alto. Podem ouvi-lo .

— Senti-me infeliz por haver tido aquele triste início e desviei a conversa, com indiferença, para assuntos de teatro.

A dama não era eloquente, exprimia-se sempre naquele tom baixo e musical e parecia recear que os

outros a escutassem. Eu, por minha banda, estava apaixonado, estupidamente apaixonado, e mais me excitava a curiosidade ardente, aquela atmosfera de mistério que a cercava. Quando se despediu, o que fez quase logo a seguir ao jantar, pedi-lhe autorização para ir visitá-la. Lady Alroy hesitou um instante relanceou o olhar para ver se alguém nos observava, e então redarguiu:

— Sim, amanhã, às cinco menos um quarto.

Perguntei a madame de Rastail o que sabia a respeito da sua convidada, mas tudo o que pude apurar foi que se tratava de uma viúva que tinha uma bela casa em Park Lane. E como um desses maçadores científicos principiasse a dissertar sobre as viúvas e sobrevivência do matrimónio, eu despedi-me da dona da casa e saí.

No dia seguinte cheguei a Park Lane à hora exacta; porém, o mordomo informou-me de que a senhora havia saído naquele momento. Voltei muito aborrecido para o clube, e ao mesmo tempo intrigado depois de matutar longamente no caso, escrevi uma carta a lady Alroy propondo-lhe experimentar a minha sorte noutra oportunidade, a ver se eu era mais feliz. Durante vários dias não recebi resposta, até que me veio às mãos um bilhete no qual ela dizia esperar-me no domingo, às quatro. E acrescentava este pós-escrito arreliador: — Preferia que não me tornasse a escrever para aqui. Explicar-lhe-ei a razão, quando nos encontrarmos.

No domingo recebeu-me, efectivamente, e foi em tudo encantadora. Todavia, quando me retirava, pediu-me que, se voltasse a escrever-lhe, dirigisse a carta para a senhora Knox, ao cuidado da Livraria Whittaker, na Green Street. — Há razões —acrescentou — para que eu não deva receber correspondência dessa na minha casa.

No decorrer da temporada vi-a muitas vezes, sem que nunca a abandonasse a atmosfera de mistério. Às vezes afigurava-se-me que ela estivesse sob o poder de qualquer homem, mas aquele seu ar tão distante dissipava-me a suspeita. Era difícil chegar a uma conclusão: lady Alroy fazia lembrar aqueles cristais que há nalguns museus, em certas ocasiões límpidos, noutras enublados. Por fim resolvi pedi-la em casamento, porque já estava farto e cansado desse mistério que ela impunha a todas as minhas visitas e às poucas cartas que lhe mandei. Escrevi, pois, uma e dirigi-a para a livraria; nessa, perguntava-lhe se nos poderíamos encontrar na próxima segunda-feira, às seis horas. Disse-me que sim e eu subi ao sétimo céu ao ler tão ambicionada resposta. Andava transtornado, apesar do ambiente enigmático (pensei então); na realidade, por causa dele (compreendo agora). Não era a mulher, só a mulher, que eu desejava. O mistério perturbava-me, enloquecia-me. Porque ma pusera o acaso no meu caminho?»

— E descobriste alguma coisa? — inquiri.

— Palpita-me que sim. Tu avaliarás por mesmo.

E o meu amigo continuou:

«Quando veio a segunda-feira, fui almoçar com meu tio e, pelas quatro horas, encontrei-me na Marylebone Road. Meu tio, como sabes, mora em Regent's Park. Eu queria alcançar Picadilly e tomar um desvio através de vielas escuras. De súbito vi à minha frente lady Alroy, de véu espesso na cara e a caminhar a toda a pressa. Ao chegar à última casa da rua, subiu os degraus, tirou uma chave da mala e abriu a porta. Cá está o mistério, disse comigo mesmo, e avancei para examinar o prédio. Tinha o aspecto desses e que se alugam quartos mobilados. No patamar apanhei o lenço que ela deixara cair e guardei-o na algibeira. Pus-me depois a reflectir no que devia fazer, e concluí que não me assistia o direito de a espiar. De maneio que retrocedi e fui para o clube. Às seis compareci em casa dela. Encontrei-a no sofá da sala, em traje de chadum tecido prateado, preso com aqueles estranhos selenites que ela usava constantemente. Achei-a adorável.

— Muito prazer em vê-lo — disse ela. — Tenho estado todo o dia em casa.

Olhei-a espantado e, tirando o lenço do bolso, apresentei-lho.

— Deixou cair isto esta tarde, lady Alroy, em Cunnor Street.

Falei com a maior calma. Ela fitou-me, aterrada, mas não esboçou nenhum gesto para recuperar o lenço.

— O que fazia ali? — perguntei.

— Que direito tem de me interrogar? — replicou.

— O direito do homem que a pede em casamento.

Lady Alroy escondeu a cara nas mãos e rompeu a chorar.

— Seja franca comigo — prossegui.

Ela endireitou o busto e, olhando-me de frente, replicou:

— Lorde Murchison, não tenho nada que lhe contar.

— Ia encontrar-se com alguém — insisti. — É esse o seu segredo.

A minha interlocutora empalideceu.

— Não ia encontrar-me com ninguém!

— Escute: porque não me diz a verdade?

— Já lha disse.

Senti-me endoidecer. Não sei o que ripostei, mas deviam ter sido palavras terríveis. Até que me levantei e fugi daquela casa. No dia seguinte ela escreveu-me uma carta, que eu devolvi sem abrir, e parti para a Noruega com Alan Colville. Ao fim de um mês regresssei, e a primeira coisa que vi no *Morning Post* foi a notícia da morte de lady Alroy. Apanhara um resfriamento à saída da Ópera e morrera de congestão

pulmonar, cinco dias depois. Encerrei-me por um tempo e não quis saber de ninguém. Amara-a tanto, amara-a tão loucamente! Meu Deus, como eu amei aquela mulher!»

— Foste à tal rua, àquela casa?

— Fui. Não pude resistir a essa tentação.

A dúvida torturava-me. Bati à porta e veio abri-la uma mulher de aspectô digno, a quem perguntei se tinha quartos para alugar. Respondeu que tinha. A senhora que arrendara uns não aparecera mais, havia já três meses, e, como a renda estava em dívida, eu podia tomá-los para mim. Tirei do bolso a carteira com o retrato de lady Alroy e indaguei se era aquela a arrendatária.

— A própria — declarou a senhoria. — Sabe se volta?

— Morreu — retorqui eu.

— Oh, lastimo muito! Era a minha melhor inquilina. Pagava-me três guinéus por semana só para se sentar ali, uma vez por outra.

— Encontrava-se com alguém?

— Não, senhor, vinha sempre só, e ninguém a procurava.

— Então que diabo fazia ela?

— Sentava-se, como disse, no quarto, lia livros, tomava chá às vezes.»

— Eu não sabia que dissesse, de forma que dei

qualquer coisa à mulherzinha e fui-me embora. Que te parece tudo isto? Achas que a senhoria falou verdade?

— Acho que sim.

— Então por que motivo ia lá, a minha lady Alroy?

— Meu caro Gerald: lady Alroy era simplesmente uma dessas mulheres que têm a mania do mistério. Alugou aqueles quartos pelo prazer de lá ir, coberta com um véu e imaginar-se heroína. Tinha a paixão dos segredos, mas não passava de uma esfinge sem segredo.

— Pensas realmente assim?

— Palavra de honra — respondi.

Lorde Murchison tirou de novo a carteira de marroquim, abriu-a e contemplou a fotografia. «Será verdade?», disse com os seus botões.

O Filho de Estrel

Era uma vez dois pobres lenhadores que iam caminho de casa através de um extenso pinhal. Estavam-se no Inverno, em noite de frio áspero. No chão a neve já tinha grande altura, assim como nos ramos das árvores: a geada fustigava-lhes os rebentos de cada lado do atalho, no momento em que os homens passavam. E, quando chegaram à Torrente da Montanha, viram-na suspensa no ar, porque o Rei do Gelo a beijara.

Com aquele frio tão intenso, nem as feras nem as aves sabiam que fazer.

— Uf! — rosnava o lobo, arrastando-se pelo meio do matagal, com o rabo entre as pernas. — Que tempo insuportável! Merecia que o Governo olhasse para isto.

— Uit, uit! — gorjeavam os verdelhões. — A velhíssima Terra está morta, e até lhe puseram es mortalha branca.

— A Terra vai mas é casar, e este é o vestido de noiva — segredavam entre si as rolas, que tinham os róseos pezinhos gelados, mas que se sentiam compelidas a levar a coisa para o lado sentimental.

— Que disparate! — uivava o lobo. — Digo que a culpa é do Governo e estou disposto a tragar todo aquele que me desmentir. (É cheio de senso prático, o lobo, e jamais perde ocasião de fazer valer o seu critério.)

— Ora eu, por minha banda, não preciso de teorias para explicar o que quero — declarou o pica-pau, que era filósofo nato. — O que é, é; e nesta ocasião o que está é um frio horrível.

E tinha razão! não haja dúvida. Os esquilos pequeninos, moradores do abeto muito alto, esfregavam reciprocamente o focinho, na esperança de se aquecerem, e os coelhos enroscavam-se lá nas tocas, sem se aventurarem a deitar o nariz de fora. Os únicos animais que pareciam satisfeitos eram os bufos, os quais tinham as penas entorpecidas pela geada, mas não ligavam importância ao caso, rolando os grandes olhos amarelos e chamando uns pelos outros, através da mata.

— Tuí, tuí, tuí, tuí... Que tempo delicioso!

Entretanto os lenhadores seguiam o seu caminho, soprando com força nos dedos e calcando a neve dura com as largas botas ferradas. Uma vez tombaram numa cova funda e saíram de lá como

moleiros enfarinhados; de outra vez, escorregaram no gelo polido (porque a água do charco tinha gelado) e logo se lhes espalhou a lenha toda, sendo preciso reuni-la e atá-la de novo; e de outra, ainda, julgaram-se transviados e tomaram-se de grande medo, pois bem sabiam quanto a neve é cruel para quem lhe dorme nos braços. Confiaram, porém, no bom do São Martinho, que protege os viandantes, retrocederam nos mesmos passos e prosseguiram com maior cautela, até alcançar a orla da floresta e descobrir logo em baixo, no vale, as luzes da aldeia em que moravam. Ficaram tão contentes por se sentirem salvos que riram alto, e a Terra lhes pareceu semelhante a um flor de prata e a Lua a uma flor de ouro. No entanto depois de terem rido, de novo entristeceram lembrando-se da sua pobreza. Disse um deles ao outro:

— Porque nos rimos, sabendo que a vida é para os ricos e não para os pobres como nós? Mais vale que tivéssemos morrido de frio na floresta ou que alguma fera nos houvesse devorado.

— De facto —olveu o companheiro —, há uns que possuem a mais e outros que têm de menos. A injustiça dividiu o mundo e só foi equitativa a distribuição dos infortúnios.

Enquanto deploravam as suas tristezas aconteceu ali uma coisa estranha: caiu do céu um estrela resplandecente e lindíssima. Escorregou por

um lado do firmamento, passou de caminho pelas outras estrelas e, deixando-os a eles boquiabertos de espanto, dir-se-ia ir-se afundar atrás dos salgueiros, que estavam junto a um curral, à distância apenas de uma pedrada.

— Atenção! — exclamaram. — Um púcaro de ouro para quem a encontrar. — E deitaram a correr, ansiosos da recompensa.

Um dos lenhadores era mais lesto; ultrapassou o companheiro, abriu caminho através das árvores, chegou ao outro lado e — pronto! — ali estava uma coisa doirada em cima da neve branca. Precipitou-se sobre ela e, abaixando-se, tocou-lhe com as mãos: era uma capa de tecido florescente, artisticamente feita de estrelinhas e com muitas pregas. Gritou então ao camarada, a anunciar-lhe que achara o tesouro caído do céu. Quando aquele chegou, sentaram-se ambos sobre a neve e desfizeram as pregas da capa a fim de poder dividir o ouro. Mas — oh, decepção! — não havia ali ouro nenhum, nem prata, nem realmente tesouro de qualquer espécie, mas apenas uma criancinha adormecida.

— Triste fim das nossas esperanças — comentou um deles. — Pouca sorte a nossa, pois de que nos servirá este nené? Vamos deixá-lo aqui e seguir o nosso caminho. Já somos pobres e temos os nossos próprios filhos, de cuja boca não podemos desviar o pão.

Mas o outro objectou:

— Não, é crueldade abandonar a criança, que morreria gelada. Se bem que eu seja tão pobre como tu, e haja muita gente a sustentar, e pouco com que lhe acudir, ainda assim vou levá-la comigo e a minha mulher se encarregará dela.

E, com imensa ternura, pegou no petiz, embrulhou-o de novo na capa a fim de o proteger do frio agreste, e desceu a colina em direcção à aldeia. O companheiro admirou-se muito de tanta loucura e tanta abnegação, mas só lhe disse, ao fim da jornada:

— Já que ficas com a criança, dá-me então a capa, uma vez que tínhamos resolvido dividir o achado.

— Tem paciência — respondeu o primeiro —, mas a capa não é minha nem tua; é da criança.

Desejou-lhe prosperidades, encaminhou-se para a sua residência e bateu à porta.

Ao abrir e ao ver o marido são e salvo, a mulher abraçou-o e beijou-o, tirou-lhe das costas o feixe de lenha, sacudiu-lhe a neve das botas e disse-lhe que entrasse.

Ele, porém, detinha-se cá fora.

— Encontrei uma coisa na mata, e trouxe-a para ti. Toma conta dela...

— Que é? — perguntou a mulher — Deixa ver já. Temos a casa vazia e precisamos, realmente, de bastantes coisas.

O homem desdobrou a capa e exibiu a criança adormecida.

— Por amor de Deus! — bradou ela — Já temos tantos pequenos e ainda trazes mais esse? É capaz de nos dar má sorte! E como o havemos de criar?

Estava deveras aborrecida.

— Escuta, este é filho de estrela. — E contou-lhe como a história se passara.

A mulher, contudo, não se deu por satisfeita, e até troçou do marido.

— Os nossos filhos não têm de comer — gritou — e queres ainda por cima sustentar os dos outros? Quem é que se interessa por nós? Quem nos alimenta?

— Deus olha pelos pardais e faz com que não morram de fome — observou o lenhador.

— Achas que eles escapam aos rigores do Inverno? Pois no Inverno estamos agora!

O marido não respondeu e continuou parado à porta. Pela casa dentro soprou o vento áspero, fazendo arrepiar a mulher.

— Não te resolves a entrar? Estou transida de frio!

— Numa casa onde há corações duros, não admira que haja frio também — retorquiu ele.

Foi a vez de ela se calar. Entretanto aproximara-se da lareira.

Daí a pouco virou-se para o marido, e este viu-lhe os olhos rasos de lágrimas. Rapidamente o homem depôs-lhe a criança nos braços, e ela beijou-a,

indo depois deitá-la num catrezinho onde dormia filho mais novo.

Na manhã seguinte, o lenhador pegou na misteriosa capa de ouro e guardou-a no baú. Por sua vez, a mulher tirou um colar de âmbar que a criança trazia ao pescoço e pô-lo no mesmo lugar.

Assim se criou o Filho de Estrela com os filhos do lenhador; sentava-se com eles à mesa, brincava com eles aos mesmos jogos. De ano para ano se tornava mais belo, causando a admiração de quantos viviam naquela aldeia, pois ao passo que os outros eram trigueiros e de cabelo preto, ele era fino e branco como marfim, e os seus caracóis loiros pareciam feitos de pétalas de narciso. Os lábios assemelhavam-se a um flor vermelha, os olhos a violetas à beira de água, o corpo a uma haste em pleno campo, esquecida pelo segador.

A beleza, contudo, tornou-o mau, porque se fez orgulhoso, cruel e egoísta. Desprezava os filhos do lenhador e os outros pequenos da aldeia, dizendo que eram de baixa extracção, enquanto ele pertencia à linhagem dos nobres, por ser filho de uma estrela. Arvorou-se, pois, em senhor deles, a quem considerava como escravos. Não tinha dó dos pobres, nem dos cegos, nem dos estropiados, nem dos infelizes: atirava-lhes pedras, expulsava-os, mandava-os pedir esmola à outra porta, a tal ponto que ninguém (excepto

proscritos) se atrevia a mendigar por aquelas paragens. Sentia-se enamorado da própria beleza e troçava dos menos favorecidos de dotes naturais. Amava-se a si mesmo, e no Verão, quando o ar está calmo, ia deitar-se junto ao poço do pomar do cura, a fim de contemplar o rosto no espelho da água, o que o fazia rir de pura satisfação.

Muitas vezes lhe ralhavam o lenhador e a mulher.

— Repara — diziam — que não te tratámos como tu tratas os desgraçados, que não acham quem os auxilie. Que necessidade tens de ser tão mau com eles?

Em certas ocasiões o cura mandava-o chamar e fazia o possível de lhe inculcar o amor dos seres vivos.

— A mosca é tua irmã; não lhe faças mal. As aves que voam pela floresta dispõem da sua liberdade; não te divirtas a privá-las desse direito. Deus criou os vermes e as toupeiras e cada qual tem o seu lugar na terra. Quem és tu, para distribuíres o sofrimento no reino de Deus? Até o gado bravo o adora.

Mas ele, Filho de Estrela, não dava atenção a esses conselhos: ou ficava carrancudo, ou fazia troça, e de novo, no meio dos camaradas, tomava o comando das brincadeiras. Estes seguiam-no, porque o rapaz era belo, de pés ligeiros, sabia dançar, tocar música, apitar com os dedos. Para que ele os guiasse, todos o acompanhavam cegamente. Se, com uma cana aguçada, traspassava os olhos de uma toupeira, os outros riam divertidos; se atirava pedras aos leprosos, os pequenos

riam da mesma maneira. Em tudo os governava, e assim os tornou, a seu modo, duros de coração.

Ora, um dia passou pela aldeia uma pobre mendiga, de vestido roto e pés a sangrarem da aspereza dos caminhos. Via-se que estava nos maiores apuros. Cansada como vinha, sentou-se debaixo de um castanheiro, a repousar.

Viu-a o Filho de Estrela e disse aos seus companheiros:

— Atenção! Está acolá uma pedinte medonha, por debaixo daquela linda árvore de folhas verdes. Vamos pô-la a andar. Não gosto de gente feia e suja.

Aproximou-se da mulher, atirou-lhe pedras e escarneceu-a. Ela ergueu a vista horrorizada, sem a desviar do rosto do rapaz. E quando o lenhador, que ali perto rachava cepos, viu o que o filho adoptivo estava a fazer, correu a censurá-lo, observando:

— És realmente muito mau. Não sabes o que é ter compaixão. Que mal te fez esta criatura, para a tratares assim?

O interpelado enrubescceu de fúria, bateu o pé no chão e retorquiu:

— E quem sois vós, para me falardes desse modo? Não sou vosso filho e não vos devo obediência.

— Disseste a verdade — replicou o lenhador. — Mas também é certo que me condoí de ti, quando te encontrei na floresta.

Ao ouvir estas palavras, a mendiga soltou um

grito agudo e desmaiou. O homem levou-a para casa, a mulher dele tratou-a, e, quando a infeliz voltou a si do desmaio, trouxeram-lhe de comer e de beber a fim de a reconfortarem.

Ela, porém, não quis uma coisa nem outra, e falou nestes termos ao lenhador:

— Disseste que essa criança foi encontrada na floresta. Faz hoje dez anos que isso aconteceu, não é assim?

— Tendes razão, foi na floresta e completam-se hoje dez anos.

— Que tinha o pequeno consigo? Um colar de âmbar ao pescoço? Não vinha embrulhado numa capa de tecido de ouro, toda bordada de estrelinhas?

— De facto — confirmou o lenhador —, é exactamente como dizeis.

Abriu o baú e mostrou a capa e o colar, que ali estavam guardados. Vendo isso, a mendiga desatou a chorar de alegria.

— É o meu filho! — exclamou. — Perdi-o na floresta. Peço-vos que o mandeis chamar depressa. Em procura dele tenho calcorreado o mundo inteiro.

O lenhador e a mulher foram buscar o rapazinho, e recomendaram-lhe:

— Vai andando para casa. Lá encontrarás tua mãe, que espera por ti.

Ele correu, cheio de curiosidade e alegria. Mas, ao ver quem o aguardava, riu-se, escarninho, e comentou:

— Então onde está a minha mãe? Aqui só vejo esta miserável pedinte.

— Sou eu a tua mãe — retorquiu ela.

— Sois doida, para falar assim! — exclamou indignado, o Filho de Estrela. — Eu não sou vosso filho, porque vós sois uma pobre feia e andrajosa. Ponde-vos a andar, para que eu não torne a ver essa horrível carantonha.

— Repito que és meu filho e que te levei para a floresta — insistiu ela, caindo de joelhos e estendendo os braços ao pequeno. — Os ladrões roubaram-te e depois expuseram-te ao frio, para que morresses. Mas eu reconheci-te logo que te vi, assim como te reconheço pelos sinais ali guardados: a capa de tecido de ouro e o colar de âmbar. Por isso te peço que me acompanhes, pois andei por toda a parte em tua busca. Ven comigo, que tenho necessidade do teu amor.

Não se mexia, porém, o Filho de Estrela. Fechou contra a mãe as portas do coração, e nenhum som se ouvia além dos soluços da mulher que chorava a sudor. Por fim o pequeno falou, e foi com voz dura e amarga que disse:

— Se na verdade sois minha mãe, mais valia que ficásseis longe, em vez de terdes vindo cá encher-me de vergonha, tanto mais que eu pensava ser filho de uma estrela e não de uma pedinte, como acabas de dizer que sou. Ide-vos, pois, embora, para que vos não torne a ver.

— Meu Deus! — bradou ela. — Não queres a

menos beijar-me, antes de eu partir? Sofri tanto a procurar-te!

— Não quero, não. Sois repugnante, e eu mais depressa beijaria uma cobra ou um sapo.

A mulher pôs-se então de pé e encaminhou-se para a mata, chorando amargamente. Ao ver que ela tinha partido, o Filho de Estrela reuniu-se muito contente aos seus companheiros, disposto a recommençar nos jogos. Eles, porém, chasquearam, dizendo-lhe:

— Sois tão repelente como a cobra, tão imundo como o sapo. Gira daqui, porque não consentimos que brinques connosco!

E expulsaram-no do quintal.

De semblante carregado, o pequeno disse lá consigo:

«Que vem a ser isto? Vou mirar-me na água do poço e ela confirmará a minha beleza.»

Dirigiu-se ao poço, olhou para a água, e — Jesus! — o seu rosto era o focinho de um sapo, o corpo estava cheio de escamas como o de uma serpente. Atirou-se ao chão, maldisse a sua sorte e reflectiu:

«Isto aconteceu-me, sem dúvida, por haver pecado. Reneguei a minha mãe, mandei-a embora, e fui para com ela orgulhoso e cruel. Resta-me agora ir procurá-la, correndo o mundo de lés-a-lés, pois não terei descanso enquanto não a descobrir.»

Chegou-se então ao pé dele a filha do lenhador, pôs-lhe a mão no ombro e observou:

— Que importância tem haveres perdido a beleza? Fica em nossa casa, que eu não troçarei de ti.

— Não — replicou o pequeno. — Fui cruel para com minha mãe, e essa feia acção recaiu sobre mim como castigo. Tenho, portanto, de ir, e vaguear pelo mundo até que a encontre e ela me perdoe.

Assim se encaminhou para a floresta, chamando pela mãe, mas sem obter resposta. Todo o dia a chamou, e, ao anoitecer, preparou-se para dormir num leito de folhas. As aves e os outros animais evitavam-no, lembrando-se da sua crueldade. Só lhe faziam companhia os sapos, e ainda as cobras que rastejavam vagarosamente ao seu encontro.

De manhã levantou-se, colheu das árvores frutos amargos, que comeu, e continuou a andar através da floresta, chorando abundantemente. A tudo e a todos perguntava se tinham visto a mãe.

Falou à toupeira deste modo:

— Tu, que és capaz de perfurar a terra, diz-me se está lá a minha mãe.

— Cegaste-me — respondeu ela. — Como queres agora que eu saiba?

E ao pintarroxo:

— Tu, que sabes voar ao topo das árvores, e abranges todo o horizonte, diz-me onde está a minha mãe.

E o pintarroxo declarou:

— Cortaste-me as asas, para te divertires. Como hei-de agora voar?

— Onde está a minha mãe? — indagou do esquilo que vivia num abeto e se encontrava sozinho.

— Mataste a minha — respondeu aquele. — Procuras a tua para a matar também?

Chorou de novo o Filho de Estrela, e, curvando a cabeça, implorou perdão aos entes do Senhor, continuando depois a percorrer a floresta, à cata da mendiga. No terceiro dia atingiu uma clareira e desceu até à planície. Ao passar pelas aldeias, as crianças motejavam-no e atiravam-lhe pedras. Se queria dormir nalgum curral, os donos das vacas não lho consentiam, receosos de que contagiasse os animais. Os jornaleiros expulsavam-no, ninguém se compadecia da sua hediondez. Também em parte nenhuma podia obter informes acerca da mulher que era sua mãe, embora durante três anos errasse pelo mundo. Às vezes parecia-lhe vê-la diante de si, na estrada, chamava-a, corria-lhe no encalço e ficava com os pés em sangue. Sempre tudo baldado! Aqueles que moravam rente ao caminho replicavam invariavelmente que não a tinham visto passar, nem a ela nem a outra que se lhe parecesse. E até se riam da sua dor.

Pelo espaço de três anos assim vagueou pela Terra, onde não achou amor, nem carinho, nem misericórdia: era um mundo semelhante ao que ele próprio fizera, no tempo da perda arrogância.

Certa noite chegou à porta de uma cidade fortemente defendida e que ficava na margem de um

rio. Se bem que estivesse cansado, de pés muito doridos, dispôs-se todavia a entrar. Mas os soldados que se encontravam de sentinela vedaram-lhe o acesso com as suas alabardas, dizendo-lhe em tom rude:

— Que negócios tens nesta cidade?

— Procuo a minha mãe —olveu ele — e peço-vos me deixeis passar porque talvez a descubra aqui.

Os soldados, porém, escarneceram-no, e um deles, cofiando a barba preta, pousou o escudo e disse:

— Pensando bem, tua mãe não ficaria satisfeita se te visse, porque tu foste menos favorecido pela natureza do que o sapo dos charcos ou a cobra que se arrasta nos pauis. Some-te! Tua mãe não vive nesta cidade.

Outro, que segurava um estandarte na mão, indagou:

— Quem é tua mãe e porque a procuras?

— Minha mãe — respondeu — é, como eu, pedinte. Tratei-a mal, por isso vos rogo me deixeis passar, a fim de que ela me perdoe, se acaso mora nesta cidade.

Não lho consentiram, apesar de tudo, e até o espetaram com os chuços.

Quando ele se voltou, chorando, um dos militares (cuja armadura tinha flores de ouro e cujo elmo ostentava um leão alado) aproximou-se dos primeiros e inquiriu-os quanto à identidade da pretendente.

— É um mendigo, filho de mendiga. Pusemo-lo a andar.

— Ora, podíamos-lo ter vendido como escravo. Com o dinheiro comprava-se vinho!

— Por esse preço eu compro-o — acudiu um velho de má cara, que nesse instante passava por ali. Pagou o estipulado, agarrou o pequeno pela mão, e entrou com ele na cidade. Depois de atravessarem muitas ruas, chegaram a certa porta praticada num muro coberto por uma romãzeira. O velho bateu com o anel de jaspe esculpido, a porta abriu-se, e eles desceram cinco degraus de bronze até a um jardim cheio de papoulas pretas e jarros verdes de barro cozido. O velho tirou então do turbante um lenço de seda estampada e com ele vendou os olhos do rapaz, empurrando-o depois à sua frente. Quando lhe retiraram a venda, o Filho de Estrela achou-se num calabouço, que era iluminado por uma lanterna em forma de cornucópia.

O velho mostrou-lhe num trincho um pedaço de pão bolorento e disse: — Come. — E uma tigela de água nauseabunda e disse: — Bebe. — E após o pequeno haver comido e bebido, o homem foi-se embora, fechando a porta atrás de si e prendendo-a com uma corrente de ferro.

Na manhã seguinte, o velho (que era afinal o mais esperto dos mágicos líbios e aprendera a sua arte com outro que habitava nos túmulos do Nilo) apareceu outra vez, carregou o cenho e disse:

— Num bosque não longe da porta desta cidade de pagãos, existem três moedas de oiro. Uma é de oiro branco, outra de oiro amarelo, outra de oiro vermelho. Hoje irás buscar-me a primeira e, se a não trouxeres, punir-te-ei com cem vergastadas. Vai depressa e ao pôr do Sol esperar-te-ei à porta do jardim. Repara bem se de oiro branco, ou então arrepender-te-ás, pois és meu escravo, comprado pelo preço de um jarro de vinho.

Vendou-lhe os olhos com o lenço de seda estampada, levou-o através da casa e do jardim com papoulas e fê-lo subir os cinco degraus de bronze. Depois de abrir a porta com o anel, conduziu-o até a rua.

O Filho de Estrela saiu a porta da cidade e entrou no bosque de que o mágico lhe havia falado.

Visto por fora, aquele bosque era tentador e parecia cheio de pássaros que cantavam e de flores que perfumavam o ar; por isso o rapazinho enveredou por ele alegremente. Contudo a beleza do recinto não pouco lhe servia, porque por onde quer que passasse se erguiam espinhos do chão, a incomodá-lo, e ali surgiam cardos de um lado e de outro, que o torturavam. Em parte nenhuma achou a moeda de oiro branco de que lhe falara o mago, embora a procurasse desde manhã até ao meio-dia e do meio-dia até ao crepúsculo. A essa hora regressou a casa, chorando com amargura, porque já sabia qual a sorte que esperava.

Ao chegar, porém, à orla da floresta, ouviu um grito vindo da espessura, como de alguém que estivesse aflito. Esquecendo a própria mágoa, retrocedeu para aquele sítio e viu uma lebre pequênina presa num laço que lhe armara algum caçador. O rapazinho teve pena dela, deu-lhe liberdade, e disse-lhe:

— Eu não passo de um escravo, mas a ti posso libertar-te.

Retorquiu a lebre:

— Agradeço-te muito. Que desejas em troca?

— Ando em busca duma moeda de oiro branco, mas não consigo encontrá-la em parte nenhuma. Se não a levar ao meu dono, ele espancar-me-á.

— Vem comigo — disse a lebre. Levar-te-ei até lá. Sei onde está escondida, e por que motivo.

Assim acompanhou a lebre o Filho de Estrela, e — justos Céus! — no buraco de um carvalho enorme viu a moeda de oiro branco que procurava. Satisfeitíssimo, agarrou-a e declarou ao animal:

— Favor que te fiz retribuístes-me com outro muito maior. Centuplicaste a bondade que tive contigo.

— Não — replicou a lebre — tratei-te como me trataste. — E, falando assim, fugiu a toda a velocidade, enquanto o Filho de Estrela se encaminhava para a cidade.

Ora, a uma das portas, estava sentado um leproso, cuja face lhe cobria um capuz de pano pardo.

Os olhos, pelos buracos deste, luziam como brasas. Ao ver aproximar-se o rapaz, bateu numa tigela de pau, agitou uma campainha, e chamou por ele, dizendo:

— Dá-me uma esmola, que morro de fome. Expulsaram-me da cidade e ninguém se condói da minha desgraça.

— Ai de mim! — exclamou o interpelado. — No bolso só tenho uma moeda e, se a não levar ao meu senhor, ele bate-me, pois sou seu escravo.

O lázaro, contudo, suplicava, até que o Filho de Estrela se condeou e lhe entregou a moeda de oiro branco.

Chegou à casa do mago, este abriu-lhe a porta, levou-o para dentro e perguntou:

— Trazes a moeda de oiro branco?

— Não a trago — respondeu o pequeno. O outro caiu sobre ele, espancou-o e, apresentando-lhe uma escudela vazia, disse:

— Come! — e mostrando-lhe uma taça, vazia também, acrescentou: — Bebe!

E outra vez o lançou na masmorra.

Na manhã seguinte apareceu-lhe e falou assim:

— Se hoje não me trouxeres a moeda de oiro amarelo, ficarás meu escravo toda a vida e apanharás trezentas chicotadas.

Partiu o Filho de Estrela para a floresta e fartou-se de procurar a moeda de oiro amarelo, sem a poder encontrar em parte alguma. Ao pôr do Sol sentou-se e

começou a chorar, e, enquanto chorava, veio ter com ele a lebre pequenina salva do laço na véspera.

E perguntou-lhe:

— Porque choras? Que andas a procturar na floresta?

Respondeu o rapaz:

— Procuo uma moeda de oiro amarelo que está aqui escondida. Se a não encontrar, o meu dono bater-me-á, visto que me tem como seu escravo.

— Acompanha-me — ordenou-lhe o animal, que desatou a correr até chegar a uma lagoa. E no fundo dessa lagoa jazia a moeda de oiro amarelo.

— Como hei-de agradecer-te? — disse o Filho de Estrela. — É já a segunda vez que vens em meu socorro.

— Ora, tu foste o primeiro a ter piedade de mim — volveu a lebre, que logo desapareceu velocíssima.

O rapaz pegou na moeda e meteu-a no bolso; em seguida tomou o caminho da cidade. Viu-o, porém, o leproso, que foi ao encontro dele, ajoelhou e disse:

— Dá-me uma esmola ou morrerei de fome.

Replicou-lhe o interpelado:

— Não tenho comigo senão uma moeda de oiro amarelo, e, se eu chegar a casa sem ela, o meu senhor bater-me-á, pois que sou seu servo.

Mas o lázaro tanto lhe rogou que o outro se compadeceu e lhe entregou a moeda.

Ao chegar à residência do mágico, este abriu a porta, fê-lo entrar e inquiriu:

— Trazes a moeda de oiro amarelo?

Respondeu-lhe o pequeno:

— Não a trago.

Então o mago caiu sobre a sua vítima, a quem espancou, encheu de ferros e atirou de novo para a prisão.

Na manhã seguinte, tornou a aparecer, dizendo:

— Se me trouxeres hoje a moeda de oiro vermelho, dar-te-ei a liberdade. Caso contrário, podes te como certo que te arranco a vida.

Foi o rapaz para a floresta e todo o dia procurou a moeda de oiro vermelho, sem a achar em parte alguma. Ao anoitecer sentou-se a chorar, e no meio do choro surgiu-lhe a pequenina lebre.

— A moeda de oiro vermelho — explicou o animal — está na caverna atrás de ti. Portanto, não chores mais e alegra-te.

— Que recompensa te hei-de dar? — exclamou o Filho de Estrela. — É a terceira vez que me acodes.

— Ora, tu foste o primeiro a ter dó de mim — redarguiu a lebre, afastando-se rapidamente.

O rapaz entrou na caverna e, no canto mais distante, encontrou a moeda de oiro vermelho. Guardou-a, pois, no bolso e voltou apressado para a cidade. Vendo-o chegar o leproso, parou no meio da estrada e gritou-lhe:

— Dá-me uma esmola ou morrerei de fome.

E o Filho de Estrela mais uma vez se apiedou d

desgraçado, entregou-lhe a moeda de oiro vermelho e observou:

— A tua necessidade é maior do que a minha.

Levava, contudo, o coração angustiado, porque bem sabia a triste sorte que o esperava.

Mas — vede agora! ao passar a porta da cidade, os guardas curvaram-se até ao chão, rendendo-lhe homenagem e comentando:

— Como o nosso senhor é belo!

Seguia-o a multidão, que dizia:

— Não há decerto, no mundo, ninguém que se lhe compare em beleza.

O Filho de Estrela, com as lágrimas nos olhos, pensou:

«Metem-se comigo, trocando da minha infelicidade.»

Tão grande era o acompanhamento que ele se perdeu no caminho, até que foi dar a uma vasta praça, onde ficava o palácio real.

— Abriu-se o portão do palácio, e os sacerdotes e altos funcionários correram ao seu encontro, cumprimentaram-no reverentes e disseram:

— Sois o nosso senhor, a quem aguardávamos. Sois o filho do rei.

Replicou-lhes o pequeno:

— Não sou filho de rei, mas sim de uma pobre mendiga. E como é que me proclamais belo, se eu sei que sou medonho?

Então aquele cuja armadura tinha flores de ouro, e em cujo elmo havia um leão alado, ergueu o escudo e bradou:

— Como podeis dizer, senhor, que não sois belo?

O rapaz olhou para o escudo e viu o seu rosto como antigamente. Voltara-lhe a beleza, e, nos olhos, descobriu o que antes nunca tinha visto.

Os sacerdotes e os altos funcionários ajoelharam, dizendo:

— Estava de há muito escrito que nesta hora chegaria aquele que nos há-de governar. Por isso, que cinja a coroa e empunhe o ceptro e que seja nosso rei para nos conceder justiça e mercês.

— Não sou digno — replicou ele — porque reneguei minha mãe e não poderei descansar sem que a encontre e ela me perdoe. Deixai-me, então, partir, pois é necessário que percorra outra vez a terra. Não posso demorar-me, embora me oferteis a coroa e o ceptro.

Falando, desviou o rosto para a rua que levava à porta da cidade, e — oh, milagre! — entre a turba que se comprimia em roda dos soldados viu a pedinte que era sua mãe e, a seu lado, o leproso que mendigava à beira da estrada.

Dos lábios irrompeu-lhe um grito de alegria, e ele correu para a mãe e ajoelhou a seus pés, regando-os com lágrimas ardentes. Vergou a cabeça, tocando-a

no pó do chão, e soluçando, como se o coração se lhe despedaçasse, exclamou:

— Mãe, eu reneguei-vos na hora do meu orgulho; aceitai-me na hora da humilhação. Mãe, eu odiei-vos; retribuí-me com o vosso amor. Eu repeli-vos, mãe; agora, recebei o vosso filho.

Mas a mendiga não lhe respondeu.

Ele então estendeu os braços, agarrou os pés lívidos do leproso e implorou:

— Por três vezes vos auxiliiei. Intercedei junto de minha mãe, para que ela me fale. — Mas o leproso não lhe respondeu.

Então soluçou de novo, dizendo:

— Mãe, o meu sofrimento é tão grande que não o posso suportar. Concedei-me o vosso perdão e deixai-me voltar para a floresta.

E a mendiga pôs-lhe a mão na cabeça e ordenou:

— Levanta-te!

E o lázaro pôs-lhe a mão na cabeça e ordenou também:

— Levanta-te!

O rapaz levantou-se, olhou-os, e — oh, milagre ! eram um rei e uma rainha.

Disse-lhe a rainha.

— Este que tu socorreste é teu pai.

E disse-lhe o rei:

— Esta, cujos pés banhaste de lágrimas, é tua mãe.

Rodearam-lhe o pescoço com os braços, beijaram-no e conduziram-no ao palácio. Ali lhe vestiram um belo fato e lhe puseram a coroa na cabeça e o ceptro na mão, e na cidade da beira do rio ele reinou e foi seu senhor. Ministrou muita justiça e concedeu muitas mercês a todos. Expulsou o malvado do mágico, ao lenhador e à mulher mandou ricos presentes e outorgou grandes honras aos filhos do casal. Não permitiu que ninguém fosse cruel para com as aves ou quaisquer outros animais, mas ensinou o amor, e a bondade, e a misericórdia. Aos pobres deu pão, aos nus deu vestidos, e houve paz e fartura na terra.

Todavia não reinou muito tempo; tão grande fora o seu sofrimento, tão amargo o fel das suas provações, que ao fim de três anos se finou. E o que lhe sucedeu reinou então como um déspota.